

Pontes para o Futuro

**PRIMEIRAS HISTÓRIAS
FAZENDO A DIFERENÇA**



FLORIANO PESARO

ORGANIZADOR

Formato 21 x 29.7

ISBN: 978-85-917940-1-0

Floriano Pesaro

Pontes para o Futuro: Primeiras Histórias

Fazendo a Diferença

São Paulo

Antonio Floriano Pereira Pesaro

2014



Realização e organização:

Floriano Pesaro

Coordenação executiva:

Carla Christine Chiamareli

Organização de conteúdo:

Bruna Borghetti C. F. Rosa

Carla Christine Chiamareli

Thaís Barbosa R. Pereira

Capa:

Bel Andrade Lima

Projeto Gráfico:

Fabiola Helena dos S. Farias

Diagramação:

Renata Colombini Pusso

Apresentando os relatos convidados:

Secretaria Municipal de Educação de Amparo

Secretaria Municipal de Educação de Assis

Secretaria Municipal de Educação de Botucatu

Secretaria Municipal de Educação de Campos do Jordão

Secretaria Municipal de Educação de Catanduva

Secretaria Municipal de Educação de Ferraz de Vasconcelos

Secretaria Municipal de Educação de Franca

Secretaria Municipal de Educação de Regente Feijó

Secretaria Municipal de Educação de Votuporanga

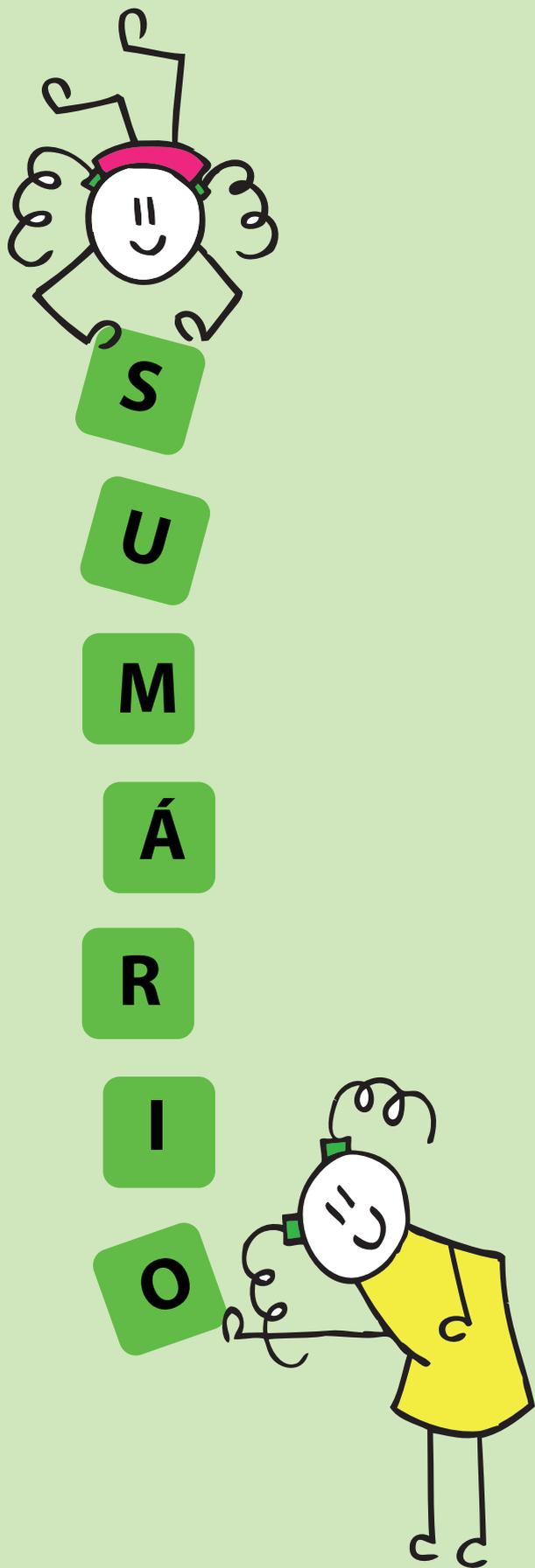
Secretaria de Estado da Saúde - São Paulo

Sulamita Meniel - Representando a Família em São Paulo

Plínio Meireles - Secretaria Municipal de Assistência e

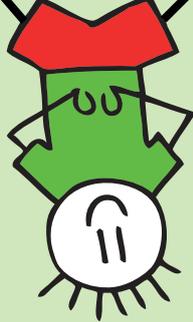
Desenvolvimento Social - São Paulo

Maria Helena Guimarães de Castro - Fundação Seade



*As fotos foram alteradas para preservar a identidade das crianças.
O conteúdo dos textos publicados é de inteira responsabilidade de seus autores.*

05	Apresentação e Introdução
13	Capítulo 1 - Implantação e Gestão de Políticas Públicas
15	- Botucatu
23	- Catanduva
29	- Ferraz de Vasconcelos
33	- São Paulo (Estado)
43	- Votuporanga
53	Capítulo 2 - Implementação de Políticas e Projetos nas Escolas
55	- Amparo
61	- Assis
65	- Campos do Jordão
73	- Franca
77	- Regente Feijó
83	Capítulo 3 - Participação da Família
85	- São Paulo (Cidade)
95	Palavras Finais



A

P

R

E

S

E

N

T

A

Ç

Ã

O

Sou Floriano Pesaro, sociólogo, vereador da cidade de São Paulo pelo segundo mandato consecutivo. Dedico-me há 20 anos à vida pública. Por 14 anos atuei no poder executivo público e há seis anos estou no legislativo.

Transitei pelos três níveis de poder ao longo da minha caminhada e, em cada um deles, desenvolvi e aprofundei minha vontade de transformar a realidade da população em geral e, especificamente, de crianças, adolescentes e jovens.

Em cada uma das minhas atribuições, busquei meios de implementar políticas públicas capazes de garantir o desenvolvimento integral e integrado das crianças desde sua mais tenra idade.

Esta jornada começou em 2001, quando assumi o cargo de Secretário Nacional do Bolsa-Escola Federal, no Ministério da Educação, coordenando a implementação do programa em todos os municípios brasileiros, no governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso.

A novidade, na época, foi justamente criar o vínculo da renda mínima com a política educacional, o que acabou por colocar e manter 10,7 milhões de crianças de 6 a 15 anos nos bancos escolares.

As condições estruturais e logísticas para sua implementação, no entanto, eram um obstáculo enorme a superar: distribuir diretamente recursos financeiros para cerca de 5,7 milhões de mães, por meio de cartões magnéticos nominais nos 5.561 municípios brasileiros à época.

Este trabalho foi feito em apenas dois anos e exigiu um enorme esforço de informação, articulação e estrutura operacional.

Mais tarde, como secretário de Assistência e Desenvolvimento Social de São Paulo, na gestão do prefeito José Serra, iniciamos uma das campanhas sociais mais lembradas pelo cidadão paulistano: “Dê mais que esmola. Dê futuro”.

Paralelamente, 2.188 crianças e adolescentes foram retirados das ruas. Com a criação dos Centros de Referência da Criança e do Adolescente (Crecas), conseguimos atender mais de 60 mil jovens.

Grande parte deles, com histórico de abandono e drogas, foi reinserida em suas famílias de origem ou adotados. Essas ações foram tomadas a partir do entendimento básico de que a criança nas ruas, trabalhando ou pedindo esmolas, está em situação de alta vulnerabilidade social.

Tirar o dinheiro das esmolas e conscientizar o cidadão a empregá-lo em doações que são capazes de efetivamente transformar a vida dessas crianças foi outra grande conquista.





Com isso, os recursos repassados ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (FUMCAD) subiram 875%, chegando a R\$ 39 milhões em 2007, meu último ano à frente da secretaria.

Já no Legislativo, em 2009, com a experiência prática adquirida ao longo de minha gestão no poder Executivo, pude ajudar a desfazer os nós que muitas vezes paralisam a prefeitura e, assim, ajudar a promover uma legislação mais adequada à realidade da população.

Um exemplo claro dessa continuidade é o desdobramento da já citada campanha “Dê mais que esmola. Dê futuro”.

Em meu primeiro mandato, a campanha foi um dos alicerces para a Lei 15.276, de 2010, que estabelece diretrizes para a Política Municipal de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e suas Piores Formas.

Atualmente, em meu segundo mandato parlamentar, o esforço e protagonismo das políticas públicas voltadas à infância têm rendido novos frutos.

Junto com a minha equipe e com diversos parceiros, busco construir colaborativamente projetos de lei que contribuam com o desenvolvimento integrado das crianças.

Procuramos considerar toda experiência acumulada para formular leis que se tornem planos de Estado e também perenizem as boas políticas existentes.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, crianças são prioridade absoluta. E eu, no papel de representante do povo, tenho que pensar e criar leis que garantam tais direitos.

Já obtivemos alguns avanços, dentre eles vale destacar a queda de 31% no índice de mortalidade infantil nos últimos 11 anos. O menor da história paulista.

Esta redução é resultado de muito trabalho dos gestores da área de saúde, dos médicos e também de planejamento. E é no planejamento, na visão sistêmica que devemos investir para continuar melhorando.

Dessa forma, seguindo a minha vocação, levando em consideração as legislações e estudos sobre o tema, criei um projeto de lei (PL 227/2013) que visa estabelecer diretrizes para a política municipal de incentivo ao desenvolvimento na primeira infância.

O projeto foi criado e editado de maneira participativa, com ajuda da sociedade civil. No texto estabelecemos princípios e diretrizes que objetivam: garantir a escuta das crianças na elaboração da política; a intersetorialidade na formulação e implementação das ações; a destinação de recurso próprio para sua execução; o estabelecimento de metas, serviços e ações para serem desenvolvidas nas áreas da educação, saúde e assistência social.



A conexão entre as experiências no início da vida e a saúde da nação ficou ainda mais clara para mim durante minha passagem pela *Harvard University*, no início de 2014.

Ali, tive a oportunidade de participar do Programa de Liderança Executiva em Desenvolvimento da Primeira Infância, junto com a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal.

Tive acesso a uma rede de informações organizadas de forma sistêmica e com valor científico que não poderia deixar de trazer para o Brasil.

Por isso, a ideia de organizar formas de disseminar a rede de informações a que tive acesso se tornou meu grande desafio neste tema.

É fato que o desenvolvimento econômico e social do nosso país está intimamente ligado ao quanto e como se investe e se dedica à primeira infância.

Neste sentido, o PL 227/2013 é fundamental. No entanto, não é a única forma possível de se começar a mudança. O PL pode ser lido na íntegra no site (florianopesaro.com.br).

Floriano Pesaro

I

N

T

R

O

D

U

Ç

Ã

O



Ações capazes de promover o diálogo e o debate em torno da primeira infância são bem vindas e muito produtivas na medida em que, por meio do debate, somos capazes de pensar processos em rede e implantar outras ações mais pontuais.

Foi nesse momento reflexivo que nasceu a ideia de juntar duas paixões: a primeira infância e as publicações.

As publicações são formas eficazes de irradiar e multiplicar o conhecimento. Ao longo da minha vida profissional investi em várias delas. Acredito que as pessoas passam pelos lugares, mas os conhecimentos sempre ficam.

Registrar e disseminar aprendizados, informações sobre a formulação e implementação de políticas, bem como divulgar textos, artigos sobre determinados assuntos sempre agrega valor e aprendizado.

Foi então que eu chamei a minha equipe para contar a ideia e pensarmos juntos a maneira pela qual poderíamos colocar em prática essa vontade.

Após longa conversa, optamos por promover um grande intercâmbio, por meio da troca de experiência entre sujeitos. Trocar experiência é enriquecedor uma vez que nos permite aprimorar as práticas cotidianas.

Eu sempre acreditei que a política está intimamente relacionada à capacidade de sonhar, bem como à de interpretar sonhos coletivos. A criação da coletânea Pontes para o Futuro é a aplicação desta minha crença.

Disseminando boas histórias, vamos ajudar a reproduzir elementos capazes de alterar a realidade do coletivo. O livro que você tem em mãos é o primeiro de uma série de relatos de práticas de excelência.

Com eles, você terá a possibilidade de conhecer a troca de experiências entre diferentes atores e territórios por meio da história das pessoas. Cada fascículo tratará de um tema defendido e trabalhado em meu mandato parlamentar. Nesta primeira edição, trataremos de um tema urgente e ainda carente de ações integradas: a Primeira Infância.

São práticas realizadas em diversas cidades paulistas com características heterogêneas em relação ao tamanho, praticamente todas com indicadores sociais positivos, pois a ideia de disseminar boas histórias também está relacionada à possibilidade de fornecer subsídios para outras cidades criarem seus planos de trabalho e melhorarem suas realidades.





O processo de escolha das cidades:

Após longas conversas e análises de alguns indicadores secundários, eu e minha equipe consideramos por bem convidar algumas cidades que conhecíamos pelo engajamento com o tema, com boa gestão e resultado.

São dez municípios que integram o nosso primeiro fascículo: “Primeiras Histórias: fazendo a diferença”.

No documento que você tem em mãos estão compilados quatorze relatos de prática apresentados por dez municípios do Estado de São Paulo. São eles: Amparo, Assis, Botucatu, Campos do Jordão, Catanduva, Ferraz de Vasconcelos, Franca, Regente Feijó e Votuporanga. Além de contarmos com a participação da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, temos também um relato de uma família e de um assistente social do Município de São Paulo.

Os municípios participantes representam o microcosmo da realidade paulistana e por que não, brasileira – já que é impossível deixar de notar semelhanças com as subprefeituras de nossa cidade.

Do universo de indicadores secundários existentes, selecionamos e analisamos sete: Índice de Desenvolvimento Humano do Município (IDHM), Índice de Desenvolvimento da Família (IDF), Taxa de Mortalidade Infantil, Índice de Desenvolvimento da Educação (IDEB), população estimada, porte da cidade, matrícula escolar e tamanho da rede de atendimento.

Conhecendo os municípios:

A publicação reúne relatos de cinco municípios de grande porte; dois de médio e dois de pequeno porte e uma metrópole. O Índice de Desenvolvimento Humano e o Índice de Desenvolvimento da Família são altos em todos eles: variam de 0.738 a 0.805 e de 0,5 a 0,64 respectivamente.

Do total de cidades, três não atingiram a meta desejada pelo IDEB e, com exceção de uma, a relação “número matrícula/número de escolas” demonstra certa proporcionalidade no tamanho de atendimento da rede por unidade de educação infantil.

Por fim, observando, a taxa de Mortalidade Infantil, verificamos que esse indicador apresentou maior variação entre as cidades, 60% delas apresentam taxa maior do que o índice aceitável pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

A Taxa de Mortalidade Infantil no Estado de São Paulo foi reduzida significativamente nos últimos anos, porém nosso recorte mostra que ainda é um desafio. Vale dizer que o município mais próximo da capital paulista apresentou os valores mais frágeis em quase todos os indicadores secundários analisados.

Elaborando relatos, estabelecendo pontes:

Convidados a relatar uma boa experiência em relação à primeira infância, cada cidade nos surpreendeu com histórias incríveis que reafirmam a importância de sonhar, do trabalho coletivo no pensar e no fazer.

Dos quatorze relatos, dois contam a experiência de ensino fundamental e não vimos problema em deixá-los, pois em uma das cidades, foram os bons resultados com esse público que impulsionaram a implantação de um piloto em 2014 para primeira infância. Na outra, o relato se refere a uma prática realizada ainda na fase prevista para alfabetização.

Cada história apresentada nos faz verificar que, apesar das inúmeras dificuldades, é possível realizar grandes transformações. Os obstáculos, os desafios fazem parte de todo processo e nos instigam a não desistir. Há resultados positivos oriundos de parcerias público-privadas.

A maioria dos municípios relatou experiência com a assessoria de Organizações não Governamentais (ONGs) e/ou Fundações Empresariais, o que nos deixou claro que a melhoria do desenvolvimento infantil depende de ações conjuntas entre diferentes atores públicos e privados.

Cada um dos relatos de práticas apresenta um estilo de escrita próprio que foi mantido, pois expressa a emoção e a riqueza dos detalhes singulares vividos. Apresentamos quatorze relatos deliciosos de ler.

Cinco deles relacionados às ações realizadas pelas Secretarias Educação e Saúde: a criação de um referencial curricular de educação infantil (Botucatu), a criação de uma política de inclusão (Catanduva), a criação de ações de formação para profissionais da primeira infância (Estado de São Paulo, Votuporanga e Ferraz de Vasconcelos).

Oito, por outro lado, se referem a práticas cotidianas das escolas, como: a modificação do espaço escolar para um espaço lúdico (Regente Feijó), a realização de atividades de leitura (Amparo, Assis, Campos do Jordão e Franca) e o envolvimento de outros profissionais da escola na aprendizagem das crianças (Campos do Jordão).

Temos ainda, o relato de um assistente social que atua com famílias e de uma mãe que conta o processo de inclusão do seu filho (São Paulo). Enfim, todos guardam uma semelhança determinante e inspiradora: o desenvolvimento integral e integrado das crianças.

Boa Leitura!

Floriane Peraro

C

A

P

Í

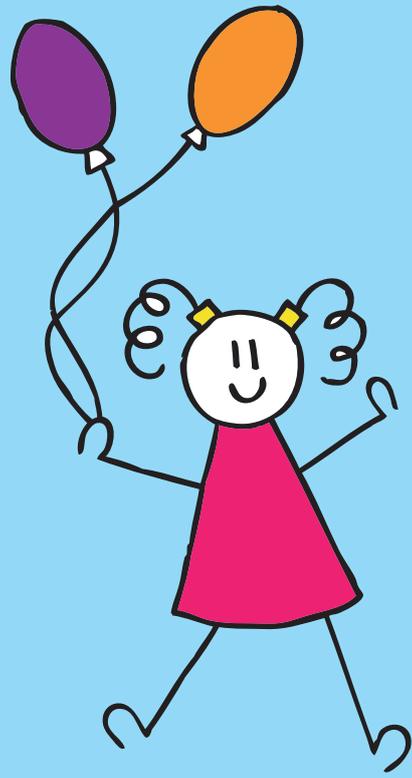
T

U

L

O

1



Implantação e Gestão de Políticas Públicas

Apresentando:

- Botucatu
- Catanduva
- Ferraz de Vasconcelos
- São Paulo (Estado)
- Votuporanga



Catedral de Botucatu Basílica Menor de Santana

Botucatu



“Processos participativos e multidisciplinares garantem melhores resultados na implantação de políticas públicas para primeira infância.”

João Cury Neto

Prefeito de Botucatu

População estimada 2013	136.269
Porte	Grande
IDHM*	0.800
IDF*	0.62
Mortalidade Infantil***	8.88
IDEB - Anos iniciais**	5.6
Meta	5.6
Matrícula escolar****	4.140
Número de escolas	30

Meu nome é Wagner Codello. Sou orientador pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Botucatu. Ingressei na prefeitura municipal em 2008 já nesta função. Na ocasião havia duas vagas, uma para o ensino fundamental anos finais e outra para educação infantil e, apesar de toda minha trajetória profissional até então ter sido no ensino fundamental e médio, contrariando a lógica e toda minha experiência na área de educação, acabei optando pela educação infantil.

Não demorou muito para que eu tivesse a certeza de que havia feito a escolha certa, pois o comprometimento das pessoas que atuam nesse segmento e os gigantescos desafios que ele traz em seu bojo histórico, somados aos sorrisos das crianças, me tornaram um apaixonado incondicional pela educação infantil.

Este relato consiste em explicar um pouco do longo processo de construção do referencial curricular da educação infantil, que teve início em 2004, incluindo as circunstâncias que o cercaram, revelando os importantes avanços qualitativos que este segmento teve nos últimos anos no município de Botucatu.

A intenção é mostrar aos leitores um novo olhar sobre a educação infantil e que esta modalidade requer muito estudo e conhecimento acerca do universo das crianças. O Referencial Curricular elaborado pela rede municipal evidencia o quanto isso é verdadeiro.

Para tanto, é importante esclarecer que a Secretaria Municipal da Educação de Botucatu vem atuando com sistema próprio de ensino desde janeiro de 2010.

Sendo assim ela é responsável pela supervisão de todas as suas escolas e das escolas particulares de educação infantil. Para administrar todo esse aparato educacional é necessária muita organização.

Por esta razão, a secretaria se subdivide em coordenadorias de educação infantil, ensino fundamental anos iniciais, anos finais e educação especial. Além disso, também conta com as coordenadorias de educação física, administrativa, cadastro de alunos, transporte escolar e merenda. Tudo orquestrado pela secretária municipal Alessandra Lucchesi de Oliveira e sua secretária adjunta Edileine Henrique.

Quando assumi o cargo de orientador pedagógico, a situação técnico-pedagógica apresentava muitas demandas de estudo e foco nas ações educacionais, pois a rede contava com apenas cinco coordenadoras pedagógicas para atender vinte e cinco unidades escolares.





Mesmo com esse déficit havia um embrião muito positivo já implantado: as reuniões pedagógicas semanais na secretaria da educação encabeçadas na época pela psicóloga Luciana Vicentini. Essa ação permanece até hoje e é, sem dúvida, o motor das ações pedagógicas na rede municipal.

Aos poucos fui conhecendo melhor a rede e logo notei que as coordenadoras tinham um papel fragilizado perante as professoras, pois ficavam apenas uma vez por semana em cada unidade escolar e, com isso, acabavam sendo vistas como uma espécie de “supervisoras pedagógicas”, que iam até a escola apenas para fiscalizar as professoras e verificar se elas estavam preenchendo as documentações exigidas pela secretaria da educação.

Ao mesmo tempo e contraditoriamente a esse panorama pedagógico em construção, me deparei com o esboço do referencial curricular, na época, chamado carinhosamente de currículo mínimo.

Este documento estava sendo elaborado desde 2004 por esse grupo de coordenadoras pedagógicas juntamente com a professora Fabiana T. Jamas e a psicóloga Luciana Vicentini, que atuavam na secretaria da educação e eram responsáveis pela organização pedagógica da rede municipal.

Vi no referencial uma possibilidade de dar início a um processo de profundas mudanças no olhar para educação infantil municipal. Mas ele sozinho não poderia fazer milagres, então me empenhei em continuar o trabalho que já estava sendo desenvolvido e ir muito além do que já havia sido conquistado.

Para tanto precisaria fortalecer as coordenadoras pedagógicas, bem como as reuniões pedagógicas nas escolas.

Essa situação despertou a necessidade emergente de ter um coordenador por escola e de priorizar a reorganização do horário de trabalho pedagógico coletivo, de maneira que ele fosse valorizado como um espaço de formação de professores.

Com essas duas linhas de ação, me concentrei em rever o referencial municipal. Perdi a conta de quantas vezes li o documento, e cada vez que eu lia, fazia algumas alterações. Foram muitas horas de trabalho intenso, também inseri várias fotos de atividades realizadas nas escolas. Então fiz a montagem e apresentei, ainda em 2008, o boneco do documento para o secretário da época. Ele olhou, folheou e sem nenhum rodeio disse que não havia gostado da diagramação.



“

“Este é o início do registro de uma longa caminhada. Temos o desafio de continuar a discutir, construir e produzir a história da Educação Infantil deste Município. Esperamos que o presente documento se configure como um instrumento democrático inspirador das articulações entre as ações de educar, cuidar e brincar, possibilitando o respeito às especificidades da criança e o desenvolvimento de uma Educação Infantil de qualidade”.

Flávia Eliete Marcondes, Diretora do CEI Romualdo José Balestrin

Não que isso fosse o mais importante, mas confesso que fiquei um pouco frustrado. No entanto, vendo o livro publicado em 2013, admito que o secretário tinha mesmo razão. Não há comparação na aparência deste material com o que eu havia apresentado para ele na época, isso falando apenas da aparência, sem contar que desde então o conteúdo foi revisado diversas vezes, ficando cada vez mais moderno e compatível com a nossa realidade e necessidades.

Após esse fato, retomei a ideia de revisar o documento e principalmente mudar seu layout. Em paralelo, estava conquistando aos poucos as outras metas estabelecidas por mim: o número de coordenadoras já havia dobrado ao final de 2009. Isso facilitou a revisão do referencial que, apesar de não ter sido publicado, era utilizado intensamente pelos professores da rede municipal; era praticamente a base de todo o trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas, todas as sequências e projetos didáticos tinham o referencial como linha mestra.

Dessa forma, solicitei às coordenadoras que fizessem uma análise crítica do material junto com as professoras nas reuniões pedagógicas das escolas. Bom, é claro que essa análise crítica resultou em muitas alterações nos conteúdos do documento, o que demandou tempo. Mais um ano se passou sem que houvesse a publicação do livro.

Apesar da demora na confecção do referencial curricular, senti mais segurança no material, pois o fato de ter sido revisado pelos professores, a meu ver, agregou mais valor ao documento e deu legitimidade ao processo, sua utilização mais verdadeira e eficiente.

Modifiquei a diagramação, alterei algumas fotos e finalmente foi aberto um processo de licitação para confecção do livro. Mas ainda não seria daquela vez. Um erro na publicação do edital fez com que, por dois meses, nenhuma empresa se interessasse em fazer o serviço e, quando descobrimos o que tinha acontecido, não havia mais tempo hábil naquele ano.

O tempo foi passando e alguns avanços foram surgindo. Podia contar com o dobro de coordenadoras pedagógicas, mas ainda era difícil aceitar a ideia de que na educação infantil mais de uma escola precisava compartilhar a mesma coordenadora, assim continuei buscando o aumento dos componentes do grupo.

Enquanto isso não acontecia, o trabalho de formação das coordenadoras era intenso, pois não podia deixar que elas se acomodassem e virassem “secretárias administrativas” das escolas. Isto é, deixassem as questões pedagógicas em segundo plano para socorrer todo tipo de situação cotidiana, como vi acontecer muitas vezes na minha trajetória profissional em outras redes públicas de ensino.

Então, ao mesmo tempo em que lamentava por uma coordenadora se desdobrar em duas ou três escolas, ficava feliz por ter a certeza de que estava construindo uma identidade pedagógica para educação infantil municipal, sem vícios, com muita vontade de acertar e compromisso com as crianças e educadores por parte das coordenadoras pedagógicas.



Nas reuniões de coordenadoras realizadas na secretaria da educação, procurava trazer as situações cotidianas, da realidade das escolas e analisá-las de forma reflexiva. Estudávamos uma situação problema e em conjunto buscávamos soluções; o coordenador então as aplicava na escola e trazia o retorno.

Novamente analisávamos e dávamos andamento até que a situação se resolvesse. A esse procedimento chamamos de tematização da prática. Isso é feito até hoje e aborda todos os tipos de assuntos pertinentes à escola. Contudo, eu queria ir além. Essa mesma estratégia de tematização da prática precisava ser feita pelas coordenadoras junto às professoras.

A isso chamei de “dupla formação”, ou seja, ao mesmo tempo em que analisamos questões pedagógicas e buscamos soluções, também refletimos sobre a forma de abordagem do coordenador e como ele pode formar seus professores.

Assim, nas reuniões semanais na secretaria, preparamos formadores de professores e, ao mesmo tempo, estudamos os conteúdos necessários na prática em sala de aula e na gestão pedagógica da escola.

Esse trabalho, sem dúvida nenhuma, trouxe muitos frutos e posso afirmar que hoje, o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) deixou há muito tempo de ser um momento para recados e conversas aleatórias, e se tornou um espaço de formação permanente de professores. E é nesse momento que os professores constroem junto com os coordenadores os rumos pedagógicos da escola.

Essas reuniões possibilitaram ler e reler o referencial curricular, fazer alterações, suprimindo ou inserindo conteúdos que depois eram organizados nas reuniões de coordenadores na secretaria da educação. E acreditem, apesar dessas reuniões serem semanais, durante todo o ano, algumas vezes foi necessário retornar após o almoço para terminar de “amarrar” as ideias sobre determinado conteúdo. São momentos como estes que eu tenho a certeza do quão complexa é a educação infantil, e isso me fascina cada vez mais.

Para conquistar um HTPC formativo, também envolvi nas formações da secretaria os diretores que precisaram aprender a lidar com os coordenadores, pois estavam acostumados a fazer tudo sozinhos. Assim passei a tratar diretores e coordenadores como equipe gestora. Isso foi fundamental para que um compreendesse as necessidades e dificuldades do outro e pudessem realmente trabalhar em parceria.

Além do referencial curricular, vários documentos pedagógicos que eram preenchidos pelos professores foram revistos de forma participativa e o resultado foi incrível, pois, além do aprofundamento nos estudos sobre a educação infantil, também foi possível perceber que haviam coisas desnecessárias e outras preenchidas por obrigação. A partir do momento em que os professores se apropriam das propostas, elas passam a fazer mais sentido e isso proporcionou resultados muito melhores.

Considero as reuniões pedagógicas muito importantes, pois promovem a instrução dos formadores dos professores, e isso é fundamental para que não se perca o foco pedagógico dentro da escola.

Posso dizer hoje, após alguns anos à frente da orientação pedagógica, que formamos uma equipe competente e capaz de realizar mudanças estruturais em suas realidades; uma equipe comprometida, crítica e reflexiva, que tem sempre um ponto de interrogação a ser apresentado. Isto é, uma equipe que está permanentemente inquieta e desconfortável, o que é simplesmente fantástico, pois impede a acomodação pedagógica, um mal que acaba com as esperanças de uma educação de qualidade.

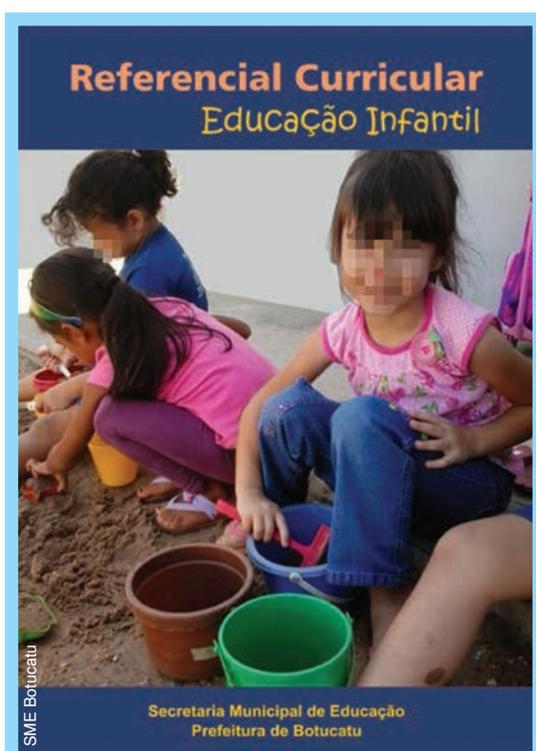
Eu tinha plena consciência de que o referencial era a mola propulsora dos trabalhos pedagógicos nas escolas. Porém, no início do ano de 2010, toda equipe pedagógica foi surpreendida por uma proposta muito insistente de implantação de um sistema de ensino apostilado, que acabou se tornando realidade na rede municipal, junto com toda uma metodologia de trabalho que divergia das propostas construtivistas do referencial. E agora, o que fazer?

A princípio, concentramos todos os nossos esforços para tentar adequar o material apostilado à forma de trabalho que vínhamos desenvolvendo e, após um semestre inteiro, percebemos que nossos esforços haviam sido em vão, pois a dicotomia entre as linhas pedagógicas era muito grande.

Sendo assim, resolvemos deixar nosso querido livro “congelado” por um tempo, pois não havia sentido trabalhar com duas frentes pedagógicas diferentes.

Essa experiência nos apresentou uma contradição importante que acabou alavancando a publicação do nosso referencial. Embora a concepção trazida pelo sistema apostilado divergisse do desejo da rede, ela nos mostrou a necessidade inerente de uma unidade curricular para o município e isso acabou fortalecendo o referencial municipal e o trouxe à tona com mais força.

Assim, o referencial municipal se sobrepôs ao sistema apostilado, que foi retirado da rede definitivamente no final de 2012.



“O Referencial Curricular da Educação Infantil (RCNEI) é uma ferramenta de grande auxílio na orientação dos professores. Ele funciona como uma base na qual eles podem se apoiar nos momentos de planejamento e garantir que os professores que acabaram de ingressar na rede municipal de ensino, usem esse documento como um “norte” garantindo a eles uma grande segurança e qualidade em seus trabalhos”.

Maria Odila Thadei Donato
Coordenadora Pedagógica - CEI Profª Aida Heloísa Ávila



Esclareço que a menção anterior ao referencial curricular municipal como um documento construtivista se dá devido a dois fatos: um é simples, segue a proposta dessa linha pedagógica sugerida pelos referenciais nacionais para educação infantil publicado pelo Ministério da Educação; e outro, mais complexo, a construção do conhecimento é inerente ao que ele se propõe tanto do ponto de vista da criança, quanto do professor que o tem como base para suas ações, mas precisa necessariamente ser um pesquisador, um estudioso da infância, para criar sequências e projetos didáticos adequados a seus alunos.

E, além disso, a forma coletiva como o documento foi concebido, caracteriza, sem dúvida, sua natureza construtivista, pois foi de fato elaborado pelos educadores.

Com a saída das apostilas, voltaram ao centro das reuniões pedagógicas os velhos “xerox” das versões anteriores do referencial e, aos poucos, retomamos o trabalho por meio de sequências de projetos didáticos.

Em nossas tematizações da prática, destrinchamos inúmeras sequências didáticas elaboradas por professores para que todos os coordenadores entendessem como essa didática deveria ser aplicada na escola.

Neste sentido, o referencial curricular passou novamente a ser uma ferramenta fundamental no processo de ensino e aprendizagem, pois traz em seu bojo as expectativas de aprendizagem e orientações didáticas de cada um dos sete eixos da educação infantil, separados pela faixa etária das crianças.

O maior desafio desse referencial é mostrar aos professores que eles podem ser copiados em seus projetos didáticos, mas a ideia central é oferecer subsídios para que o professor crie novas possibilidades a partir dos seus conteúdos.

Logo no início do ano letivo de 2013 retomamos os estudos sobre o referencial com a equipe quase completa, pois 90% das escolas de educação infantil, que agora somam trinta unidades, possuíam um coordenador pedagógico exclusivo. As coordenadoras se subdividiram em grupos menores e cada grupo ficou responsável por revisar um eixo.

Após um longo período sem utilizar o referencial, foi imprescindível revisar novamente seus conteúdos e formatação. Esse trabalho foi realizado a princípio na Secretaria de Educação e, posteriormente, as reflexões e ideias foram levadas às reuniões pedagógicas nas escolas para os professores poderem discutir e sugerir mudanças.

Depois que todos tiveram oportunidade de pensar sobre o referencial, todas as ideias voltaram para as reuniões de coordenadores na secretaria da educação a fim de que fizéssemos o texto final.

Esse processo tomou praticamente todo o primeiro semestre de 2013 de maneira extremamente enriquecedora. O que mais me fascinou nessa última revisão foi perceber que os estudos sobre o desenvolvimento das crianças e os processos pedagógicos que o envolvem, parecem não ter fim.

Quanto mais nos aprofundávamos nos conteúdos, mais questões surgiam e isso contribuiu muito no processo de formação das coordenadoras e no meu próprio, pois selou a conquistada consciência acerca da complexidade da educação infantil. Ainda há muito o que se estudar e aprender sobre o desenvolvimento das crianças.

Na composição do layout final, as escolas enviaram muitas imagens de atividades com crianças dos sete eixos. 40 delas foram incluídas no livro. Apesar de ser uma quantidade expressiva, foi uma missão muito difícil escolher entre tantas fotos maravilhosas. A escolha mais difícil, na minha opinião, foi a capa.

Me apaixonei por uma das fotos e disse: esta tem que ser a foto da capa. Mantendo o conceito de gestão democrática no qual o referencial foi concebido, apresentei às coordenadoras outras três versões da capa que elaborei em parceria com a professora de tecnologia Cristiane Messias, e por fim a minha preferida acabou sendo eleita.

Assim partimos para a fase final. O processo licitatório para produção do livro desta vez deu certo. A empresa vencedora foi uma parceira incrível.

Fizemos quatro bonecos antes da produção em série, para não restar nenhuma dúvida de como ficaria o produto final. Agora o sonho está concretizado: foram produzidos 700 exemplares do referencial, cujo lançamento oficial se deu em uma cerimônia majestosa, no dia 11 de fevereiro de 2014, prestigiada por mais de 350 pessoas, em sua maioria, educadores da rede municipal.

Um dia depois, todos que atuam na educação infantil receberam em mãos seu exemplar do livro, fruto de um trabalho em equipe e que embasará, com alicerces sólidos, a educação infantil municipal.

Vale ressaltar que, além de todo processo democrático na construção desse referencial, ele é um material livre de políticas partidárias. Posso considerar isso como o reconhecimento, justo, desta gestão municipal ao esforço e ao potencial que os educadores da rede pública têm a oferecer.

Esse documento inaugura na cidade de Botucatu uma política pública para as questões pedagógicas da educação infantil e independentemente de quem serão os próximos governantes. Também por essa razão, esse referencial curricular será um marco para educação infantil desta cidade e talvez sirva de inspiração para outros municípios.

Apesar dos avanços recentes, a educação infantil brasileira ainda está muito longe de ser tratada e valorizada com a importância que merece. Os investimentos federais são tímidos e lentos, mas fico feliz de poder contribuir junto com todos que compõem a rede de educadores da educação infantil de Botucatu, para que possamos galgar mais um degrau no reconhecimento que este segmento necessita e, sobretudo, precisa ter.

Wagner Codello

Orientador pedagógico da Secretaria
Municipal de Educação de Botucatu

Catanduva

“

Por uma educação inclusiva”.

Geraldo Vinholi

Prefeito de Catanduva

População estimada 2013	118.209
Porte	Grande
IDHM*	0.785
IDF*	0.62
Mortalidade Infantil***	12.68
IDEB - Anos iniciais**	5.9
Meta	5.5
Matrícula escolar****	3.562
Número de escolas	21

Eu, Odete Adelina Tinti, sou orientadora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Catanduva, já estou quase me aposentando e achei muito importante poder contar um pouco do trabalho que desenvolvemos no atendimento educacional especializado.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) compõe as políticas educacionais de Catanduva e visa atender aos alunos com necessidades especiais como: deficiências múltiplas, deficiência intelectual, altas habilidades e transtornos gerais do desenvolvimento. Hoje atendemos no AEE cerca de 200 alunos, distribuídos em 12 escolas do Sistema de Ensino Municipal. Em 2014 pretendemos ampliar o atendimento para algumas escolas de Educação Infantil.

O corpo docente municipal e eu, no papel de orientadora do AEE, identificamos, elaboramos e organizamos os recursos pedagógicos e de acessibilidade, capazes de eliminar as barreiras para plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas.

As nossas salas de recursos multifuncionais são espaços físicos localizados nas escolas, onde realizamos o Atendimento Educacional Especializado. Os espaços têm mobiliário próprio, materiais didáticos pedagógicos, recursos de acessibilidade e equipamentos específicos para o atendimento aos alunos com necessidades especiais que frequentam o contraturno escolar.

Realizamos uma série de reuniões de estudos em 2013. Nesse espaço de formação, os professores de Educação Especial receberam orientações de como identificar, por meio de anamneses, os obstáculos que os alunos enfrentam no contexto educacional comum. Além disso, discutimos quais fatores impedem ou limitam a participação dos alunos no processo de aprendizagem na escola. Junto com o grupo conversamos e identificamos as diferentes maneiras de perceber as necessidades existentes.

A partir desse diagnóstico iniciamos orientações para implementação de recursos e estratégias destinados a ampliar as possibilidades de participação e atuação efetiva do aluno nas atividades; abordamos aspectos que favorecem as relações interpessoais, a comunicação e o desenvolvimento da autonomia.

Durante a implementação dos conteúdos trabalhados na formação para a prática cotidiana das escolas, os profissionais envolvidos elaboraram planos de atuação, montaram documentos de acompanhamento para medir o tipo e o número de atendimentos essenciais de cada aluno individualmente a fim de proporcionar auxílio personalizado, de acordo com as referidas necessidades especiais. Dessa forma, durante minha orientação, procurei mostrar a importância do acompanhamento e da orientação no uso dos recursos disponíveis nas salas de AEE e na sala de aula do ensino regular.



O AEE apresenta objetivos e atividades diferenciadas daquelas realizadas em sala de aula regular. Nas salas de AEE, o aluno constrói seu conhecimento por meio de estímulos, entra em contato com o objeto do conhecimento, desenvolve esquemas de ação para assimilar, mentalmente, o meio (processos cognitivos). Sendo assim, busquei evidenciar o quão importante é a interação entre o professor de educação especial e o professor de sala regular para que haja transposição adequada dos saberes. O professor enriquece sua prática ao desenvolver o conhecimento adquirido durante as reuniões de estudo em sala de aula regular com atividades específicas às demandas.

Iniciamos as atividades diferenciadas com uma avaliação diagnóstica, o que permitiu ao professor visualizar quais são os limites do aluno ao propor desafios que ele ainda não conhece. Evidenciou ainda a maneira de propor novos caminhos capazes de permitir ao aluno mudanças lógicas de pensar favorecendo, assim, o seu desenvolvimento intelectual.

A partir da avaliação diagnóstica, realizamos agrupamentos pelas dificuldades observadas e alguns alunos receberam atendimento individual. Os atendimentos aconteceram em até, no máximo, duas horas/aula por dia em dias alternados na semana.

Para garantir que a aula favorecesse a construção do conhecimento dos alunos, elaboramos planos de aula com conteúdo curricular específico a ser desenvolvido.

Os planos trouxeram orientação para a aplicação das atividades diferenciadas, incluíram conteúdos temáticos específicos, citaram objetivo e finalidade pré-estabelecidos.

Como exemplos de planos de aula temáticos, gosto de citar aqueles destinados ao desenvolvimento e amadurecimento dos esquemas mentais, tal como o esquema de lateralidade, a partir do próprio eixo corporal. Durante o desenvolvimento deste plano, orientei os professores a levar os alunos em um lugar espaçoso e questionar a criança em relação ao seu eixo corporal. Utilizei a observação como método para mensurar o resultado do que acontecia ao realizar a atividade. Dessa forma, consegui classificar o envolvimento e os avanços dos alunos.

Com os resultados positivos percebidos, o AEE se estendeu, também, aos alunos que apresentam um menor grau de deficiência, ou seja, necessidade especial. Esse atendimento ocorreu no Núcleo Educacional de Integração José Antonio Borelli.

Nesse espaço, além do AEE, instituímos projetos diversos que merecem destaque, tais como: reforço escolar; informática; violão; artes plásticas; dança; recreação; culinária; atendimento psicológico.

Na recreação os professores trabalharam ritmo, raciocínio e psicomotricidade por meio de atividade física (dança, esporte e jogos educativos), facilitando o trabalho em grupo.

Nas aulas de informática, os alunos puderam ter acesso a jogos interativos, de acordo com a idade, desenhos para ativar a coordenação motora e digitação, o que pode ser de suma importância no processo de ensino e aprendizagem.

Em contato com a música, os alunos puderam expressar sentimentos, deixar que a sensibilidade os levassem a conhecer um novo universo, podendo assim se emocionar, viver e sonhar. Com o coral, acentuou-se um trabalho mais cooperativo em equipe e, também, a disciplina, como era de se esperar, pela própria necessidade de cada um.

O violão contribuiu para melhor concentração, coordenação motora e confiança, já que foi trabalhado para que tivessem segurança ao se apresentar em público.

Os destaques, dentre as artes plásticas, foram esculturas, pintura em telas, confecção e pintura de caixas (M.D.F.). No final do ano, foi realizada uma exposição, onde o público em geral e os pais puderam admirar os trabalhos dos alunos.

Fizemos uma articulação entre o reforço escolar e a sala de aula. Criamos atividades pedagógicas relacionadas ao conteúdo da aula regular, com comandas diferenciadas, de acordo com as necessidades de cada aluno.

As aulas de culinária foram as mais gratificantes, pois os alunos puderam “colocar a mão na massa” fazendo receitas de bolachas, bolos, salgados e tortas. Com isso, aprenderam na prática, matemática (quantidade, medida, fração, multiplicação e divisão) e língua portuguesa (estruturar e escrever receitas, pontuação e ortografia, etc.)





Para desenvolver todo esse trabalho tivemos o apoio de um psicólogo que nos auxiliou a agir de forma correta junto aos problemas apresentados pelos alunos, principalmente os relacionados à disciplina e comportamento agressivo.

Nesse trabalho de orientação do AEE, pude perceber a importância de possibilitar o aprendizado a todos os alunos, incluindo aqueles que apresentam necessidades especiais.

O processo de formação realizado no AEE fez com que os professores entrassem em contato com novas práticas dentro da sala de aula, enriquecedoras ao aprendizado da criança, evidenciando seu avanço durante todo o processo de ensino-aprendizagem.

Eu, como orientadora, pude perceber que, até mesmo crianças com níveis de deficiência mais acentuados, conseguem adquirir certa autonomia pessoal que pode ser vista em ações cotidianas. Um exemplo que me marcou foi a transferência de um aluno autista da APAE para a sala de aula regular. O aluno em questão conseguiu, após um ano de trabalho conjunto entre a professora do AEE e a professora da sala regular, mostrar um grande avanço intelectual, cognitivo e social.

Segundo a professora da EMEF. Prof.^a Darci H. Delgado Januário, Elisandra L. Osti Loreto, orientada por mim, durante as reuniões de estudo do AEE, a maioria de seus alunos, após iniciar as atividades na sala de AEE, passou a apresentar iniciativa para desempenhar atividades diversas de escrita, atividades lúdicas e também de movimentação corporal.

Além disso, alguns são capazes de reconhecer, contar e registrar os numerais com autonomia. No aspecto psicomotor, parte dos alunos não se apropriou plenamente dos esquemas mentais, necessitando desenvolver melhor a coordenação motora fina. Ademais, percebeu-se um grande avanço cognitivo e social, embora ainda necessitem de atendimento especial.

A escola EMEF Prof. Mário Juliano Pozetti, também atendida pelo AEE, relatou as conclusões dos professores que tiveram alunos atendidos no referido projeto de atendimento especial.

Segundo eles, os alunos com necessidades especiais apresentaram crescimento na aprendizagem, tanto na elaboração de textos, quanto na matemática.

Apresentaram, também, melhora significativa na escrita e maior interesse em jogos relacionados ao raciocínio lógico. A grande maioria dos alunos atendidos mostrou um amadurecimento satisfatório na autonomia, evidenciando melhora na autoestima e desenvolvimento emocional.

Quanto aos projetos desenvolvidos no Núcleo Educacional de Integração José Antonio Borelli, pude perceber que os resultados foram muito positivos, dando oportunidade aqueles alunos que já estavam desacreditados a mostrar que toda criança aprende, basta descobrir novas estratégias e práticas que as levem a uma aprendizagem satisfatória.

Odete Adelina Tinti

**Orientadora pedagógica da Secretaria
Municipal de Educação de Catanduva**



Luciene Tomaz

Prefeitura e Secretaria de Educação
de Ferraz de Vasconcelos

Ferraz de Vasconcelos

População estimada 2013	180.326
Porte	Grande
IDHM*	0,738
IDF*	0,5
Mortalidade Infantil***	14,7
IDEB - Anos iniciais**	4,9
Meta	5,1
Matrícula escolar****	5.293
Número de escolas	29

“

“A presença de diferentes atores num mesmo grupo de formação continuada quebra paradigmas e transforma a vida das pessoas.”

Acir Filló

Prefeito de Ferraz de Vasconcelos

Legenda: * 2010 ** 2011 *** 2012 **** 2013

Meu nome é Luciene de Oliveira Tomaz, sou professora concursada da rede municipal de Ensino de Ferraz de Vasconcelos desde 2003, sou formada no curso de Pedagogia e pós-graduada em Gestão Escolar, atualmente discente do curso de pós-graduação em Neurociência.

Após algumas experiências profissionais como professora, coordenadora pedagógica, vice-diretora e diretora de escola, hoje atuo na Secretaria Municipal de Educação como supervisora de ensino da Educação Infantil e formadora pedagógica de um projeto inédito e pioneiro em nosso município, denominado “Projeto Faço Parte”. Leva esse nome pois permitiu que os Auxiliares de Creche de Ferraz de Vasconcelos se sentissem mais valorizados e parte do processo de ensino e aprendizagem da Primeira Infância.

O projeto Faço Parte consiste em encontros de formação para profissionais da 1ª Infância, com os Auxiliares de Creche de nosso município, os coordenadores pedagógicos e também os gestores dos CEI subvencionados. Nasceu por meio da urgente necessidade de valorizar e assistir mais de perto o dia a dia dos Auxiliares de Creche, profissionais para os quais não há previsão de horário específico de trabalho pedagógico remunerado nas creches, como os cursos de formação continuada destinado aos professores da Rede Municipal.

Por termos convicção de que o “Cuidar e o Educar” são indissociáveis, tornou-se necessário uma formação pedagógica seguida da valorização dos auxiliares de creche para que se enxergassem como profissionais relevantes e importantes no processo de ensino e aprendizagem.

Ferraz de Vasconcelos, município do Estado de São Paulo, localizado na região metropolitana da capital paulista é reconhecida como uma cidade dormitório, contando com uma densidade demográfica elevada.

Por causa da baixa atividade econômica, grande parte da população desloca-se diariamente em transporte de grande capacidade (trens da CPTM) para trabalhar em outros municípios do Alto Tietê, e principalmente no município de São Paulo.

Por ser um dos municípios mais pobres da região metropolitana, Ferraz enfrenta os problemas decorrentes desta realidade, tais como: altos índices de violência, baixa infra-estrutura viária (poucas avenidas duplicadas e não há rodovias atendendo à cidade), resultado da ocupação desordenada que aconteceu na cidade e nos distritos do extremo leste da capital que fazem divisa com a cidade. Estes são os desafios que o município tem de enfrentar para melhorar seu Índice de Qualidade de vida e o Índice de Desenvolvimento Humano.

A medida em que o projeto foi implementado, pude dar início a uma pesquisa de campo que, a priori, serviu para levantar dados sobre o total de profissionais que necessitavam de curso de formação - aproximadamente 300 pessoas. Em seguida, em uma ficha simples, solicitei que os Auxiliares de Creche respondessem sobre sua formação inicial, continuada, sobre quais palestras e cursos gostariam de receber no decorrer das formações.



Foi assim que com todo o respaldo da Secretaria Municipal de Educação, Denize Ribeiro e da secretária adjunta, Marlene Drulis, que iniciei a formação.

Vale destacar que em 11 anos de trabalho nesta rede municipal nunca tinha visto uma proposta similar a esta. Colocamos diferentes profissionais no mesmo grupo discutindo o desenvolvimento saudável e integral das crianças.

No 1º Encontro de Formação do Projeto Faço Parte, no mês de fevereiro de 2014, realizei uma reunião motivacional com uma recepção acolhedora, um gostoso café, vídeos motivadores e uma palestra estimulante.

Durante seis dias, com grupos de 50 pessoas, fizemos a formação. Os participantes falaram sobre seus anseios e até mesmo angústias em seu cotidiano. Por meio de uma dinâmica chamada “Minha história”, eles puderam se expressar e interagir com os outros profissionais. Também foi abordado o tema “Concepção de Criança”, para que eles soubessem que precisavam se apropriar do pedagógico, pois o ato de cuidar e educar são indissociáveis.

No 2º encontro do Projeto Faço Parte, no mês de março, abordamos o tema Psico-Embriologia e Formação Gestacional com a psicopedagoga Elaine Rocha e com a coordenadora técnica Elaine Sampaio. Vimos as Fases do Desenvolvimento Infantil no Berçário.

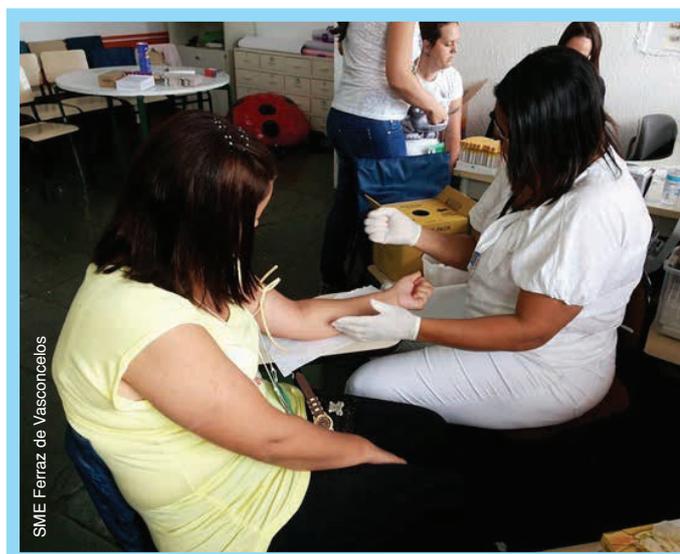
Neste dia os Auxiliares de Creche aprenderam como são importantes os estímulos ainda na gestação e as fases que as crianças passam do 0 até os 6 anos.



SME Ferraz de Vasconcelos



SME Ferraz de Vasconcelos



SME Ferraz de Vasconcelos

No 3º encontro do Projeto Faço Parte, realizamos com os 300 profissionais da 1ª Infância mais uma palestra muito importante cujo tema foi “Saúde do Educador”.

Neste encontro houve a participação das profissionais da Secretaria da Saúde do nosso município. Por meio do programa SAE, enfermeiras, farmacêutica e assistente social realizaram palestras sobre DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis), entre elas HIV, Sífilis, Hepatite B e C e Tuberculose.

Após a palestra, as profissionais da saúde realizaram os exames de sangue nos auxiliares e a maioria participou dos testes.

Foi um encontro muito enriquecedor, pois, além dos auxiliares de creche receberem informações sobre como manter sua saúde, também tiveram a oportunidade de realizar exames, que serão entregues aos mesmos em outro momento de formação.

No 4º encontro do Projeto Faço Parte, realizamos uma palestra com o tema: Primeiros Socorros. Ainda em parceria com a Secretaria da Saúde, enfermeiros e funcionários do SAMU realizaram uma palestra enfatizando como socorrer as crianças da creche, quando se engasgam, caem e em momentos de desmaios.

Foi uma formação interessante, produtiva e fundamental para nossos Auxiliares de Creche. Todos receberam novos conhecimentos e informações para reagirem adequadamente diante de situações de emergência no cotidiano.

Nas avaliações do 1º ao 4º encontro do Projeto “Faço Parte” os auxiliares de Creche afirmaram que todos os encontros foram muito satisfatórios. Além disso, avaliaram que as palestras trouxeram subsídios para enriquecer o desempenho profissional cotidiano.

Ainda estamos em processo de formação e acontecerão outros encontros durante o ano de 2014, com temas voltados à Contação de Histórias, Libras, Inclusão, Psicomotricidade, além das trocas de experiências vividas nas creches.

Embora ainda não consigamos mensurar o resultado do trabalho, o fato de termos investido na ampliação de conhecimento dos auxiliares de creche, de ter permitido a constituição de um grupo com diferentes atores, inclusive com profissionais da saúde, demonstra que conquistamos uma inovação para a rede de ensino de Ferraz de Vasconcelos que, anteriormente, nunca tinha vivenciado a realização de algo interdisciplinar e intersetorial nas suas formações continuadas.

Obrigada por seu empenho coordenadora técnica da SME Elaine Sampaio. Agradeço a Deus por cada formação e pelo empenho de nossos Auxiliares de Creche, pois eles são os protagonistas do show da vida que a cada dia acontece em nossas creches.

Luciene Tomaz

Professora da rede municipal de Ensino de Ferraz de Vasconcelos



Reata Colorini

São Paulo (Estado)

“

“Criança amada é um adulto mais seguro.”

Geraldo Alckmin

Governador de São Paulo

População estimada 2013	43.663.669
IDHM*	0.783
Mortalidade Infantil***	11.50
IDEB - Anos iniciais**	5.4
Meta	5.3
Matrícula escolar****	1.287.429

(Dados do Estado de São Paulo)

Legenda: * 2010 ** 2011 *** 2012 **** 2013

Lançamento do Programa "São Paulo pela Primeiríssima Infância"

O Governo do São Paulo lançou em junho de 2013 um programa de saúde inédito que envolve uma ampla rede de proteção às crianças de 0 a 3 anos de idade.

O São Paulo Pela Primeiríssima Infância reúne políticas públicas voltadas especialmente para essa faixa etária.

"O programa de proteção é mais do que reduzir a mortalidade infantil, é o trabalho com as famílias. Criança amada é um adulto mais seguro", disse o governador Geraldo Alckmin durante o lançamento no Instituto da Criança.

O programa é composto por um conjunto de ações que inclui um novo protocolo clínico, cursos de especialização em desenvolvimento infantil e criação do Caderno da Família, do Cartão da Criança e do Índice Paulista de Desenvolvimento da Primeira Infância.

A implantação se dará em todos os municípios paulistas por meio de parcerias com a sociedade civil, além de um convênio com a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, referência no trabalho e promoção do desenvolvimento da infância no Brasil.

Planejamento

O Índice Paulista de Desenvolvimento da Primeira Infância, elaborado pela Fundação Seade (Sistema Estadual de Análise de Dados), é semelhante ao índice utilizado pela Unicef e trará o diagnóstico da real situação das crianças de 0 a 3 anos no Estado. A partir dos dados coletados, cada gestor dos municípios poderá fazer seu planejamento de atenção integral. São Paulo é o primeiro Estado a implantar o índice.

"Estamos começando com 41 municípios e depois vamos expandir para o restante do Estado. São R\$ 5,5 milhões que vamos investir este ano", afirmou Alckmin.

O secretário da Saúde, Giovanni Guido Cerri, define: "é uma ação [que trata] desde a mortalidade infantil até o desenvolvimento da criança".

O São Paulo Pela Primeiríssima Infância levará cursos presenciais, em parceria com a Escola de Enfermagem da USP (Universidade de São Paulo), de especialização em desenvolvimento infantil para 300 gestores e técnicos selecionados no Estado. Os municípios poderão aderir gratuitamente ao programa, em especial as regiões prioritárias, com índices maiores de mortalidade infantil e materna.



Caderno da Família e Cartão da Criança

O Caderno da Família traz um material inovador para informar pais, avós, babás, professores de creches e cuidadores sobre as diferentes fases de desenvolvimento da criança.

Nele, a família poderá consultar os estímulos que deve oferecer e sobre os cuidados que a criança deve ser submetida, como consultas e imunização.

O Cartão da Criança será entregue para as famílias para o registro e controle das consultas e intercorrências de saúde da criança, ampliando a rede de proteção nessa faixa etária.

Primeira infância

O desenvolvimento humano é mais veloz nos primeiros três anos de vida. Quanto mais experiências positivas, mais o cérebro é capaz de realizar conexões e se desenvolver de modo saudável.

"Essa fase de 0 a 3 anos é fundamental para o desenvolvimento intelectual e social da criança. Isso também repercute, como já foi mostrado em estudos, na questão da violência, da criminalidade e do aproveitamento da pessoa no mercado de trabalho", comentou o secretário Giovanni Guido Cerri.

**Governador de São Paulo,
Geraldo Alckmin**

Texto extraído do Portal do Governo do
Estado de São Paulo - Junho 2013



Meu nome é Ligia, sou funcionária da Secretaria de Estado da Saúde (SES) e atuo no Departamento Regional de Saúde de Campinas como articuladora de atenção básica na região de Saúde de Jundiaí. O Programa Articuladores de Atenção Básica foi criado pela SES em fevereiro de 2009 e tem como proposta apoiar os gestores municipais nas ações relativas à atenção básica, envolvendo avaliação, monitoramento e desenvolvimento da capacidade de gestão municipal. Ou seja os articuladores de atenção básica são os elos entre os municípios da região e a SES no que se refere à atenção básica.

Foi nessa função que, em visita ao município de Itupeva, tomei contato com o Primeiríssima Infância. O Programa Primeiríssima Infância tem como foco de atuação o desenvolvimento de crianças, e desde o ano de 2009, é trabalhado pela Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (FMCSV) em parceria com alguns municípios do Estado de São Paulo.

A partir daí surgiu o interesse em implantar uma política pública intersetorial voltada ao fortalecimento da atenção à criança pequena para promoção do desenvolvimento integral, incorporando conceitos de desenvolvimento infantil (DI).

Entre esses encontra-se Itupeva que juntamente com outros oito municípios compõem o Colegiado de Gestão Regional (CGR) de Jundiaí: Cabreúva, Campo Limpo Paulista, Itatiba, Jarinú, Jundiaí, Louveira, Morungaba e Várzea Paulista.

Como o programa em Itupeva apresentou mudanças significativas nos processos de trabalho, nos indicadores monitorados e as equipes estão cada vez mais sensibilizadas e motivadas, os outros oito municípios do entorno ficaram interessados e procuraram a FMCSV com a proposta de ampliação do programa para a região de saúde como um todo.

Convidada pelos gestores, participei de reunião na FMCSV para conhecimento da proposta. Foi quando me apaixonei e abracei a causa, participando da construção do então projeto, sua implantação e monitoramento até hoje.

Dessa forma, nasceu a parceria e o programa regional intersetorial. Esse programa envolve os serviços de saúde, educação e ação social dos nove municípios participantes e tem o objetivo de introduzir conceitos e práticas de promoção do desenvolvimento integral e integrado durante a gravidez, o nascimento, o pós-parto e o cuidado até os três anos de idade.

A parceria acontece entre a Secretaria de Estado da Saúde (SES) pelos recursos destinados ao Colegiado de Gestão Regional (CGR) para Educação Permanente-CRH/CDQSUS, a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal e as 9 prefeituras dos municípios da região de saúde de Jundiaí.

Como se desenvolve? Antes de dar início às atividades do programa foi realizada uma avaliação de linha de base em cada município, visando orientar o processo de implantação e para servir de parâmetro para posterior avaliação de impacto; chamada de avaliação marco zero.



Essa avaliação envolveu quatro dimensões: profissionais de saúde, de educação infantil e ação social preparados para atuar de maneira eficaz no Desenvolvimento da Primeira Infância (DPI); Serviços de atenção a famílias nas áreas de saúde, educação e ação social que assimilam o enfoque do DI; Pais e cuidadores preparados para ajudar suas crianças a se desenvolverem plenamente. Mudanças nos serviços na comunidade e em políticas públicas de DPI.

Logo após a realização do marco zero organizamos uma capacitação geral em cada município, com a finalidade de sensibilizar as lideranças locais e profissionais de educação, saúde e ação social e fornecer embasamento teórico e conceitual fundamentando, o porquê atuar junto à população de zero a três anos e de suas famílias. Ou seja, uma preparação para que as pessoas se sentissem abertas e dispostas a absorver e aceitar uma nova maneira de enxergar e tratar as gestantes e as crianças.

Essas sensibilizações foram momentos muito especiais e de muita criatividade em cada um dos municípios, sendo que em alguns deles reuniu-se por volta de 200 pessoas entre gestores e profissionais dos três setores envolvidos. Houve município, que inclusive encerrou com apresentação de vídeo com foto do prefeito e gestores da saúde, educação e ação social quando bebês (momento de grande sensibilização). Juntamente com essas sensibilizações foi dado início também à composição do Comitê Gestor Regional, dos Comitês Locais e da indicação do articulador local de cada município que são os responsáveis pela governança e a gestão do programa.

O Comitê Gestor Regional é composto por articuladores locais (representantes dos municípios), o Articulador Regional (profissional contratado para o programa), o articulador da atenção básica regional estadual e representantes da FMCSV. O Comitê Gestor Municipal é composto por gestores e técnicos da saúde, educação e ação social, bem como por representantes da sociedade civil e articulador local do município.

O Comitê Regional reúne-se mensalmente de forma alternada em cada município, para refletir sobre o andamento das ações e programar as capacitações, supervisões e reedições.

Essas reuniões são espaços ricos de troca de experiências e relatos de ações intersetoriais. Compostos os Comitês, demos início às atividades de formação para capacitar os profissionais da saúde, educação e ação social de modo a assegurar o vínculo, o estímulo adequado e o cuidado responsivo da criança pequena desde a gravidez.

Essas atividades formativas são compostas por capacitações, supervisões e reedições, em que são trabalhadas sete grandes temáticas:

- 1) Pré-Natal e Puerpério Ampliados;
- 2) Grupos de Famílias gestantes ou com crianças de zero a três anos;
- 3) Parto Humanizado;
- 4) Puericultura Ampliada;
- 5) Educação infantil nas Creches;
- 6) Espaços Lúdicos;
- 7) Trabalho em Rede.



A estratégia adotada é a exposição dialogada, com a retomada das evidências da neurociência e da dimensão do vínculo desde a gestação até os três anos. Cada tema desenvolvido gerou 27 supervisões (pelos capacitadores), três em cada um dos municípios.

Além disso, todos os profissionais capacitados tornaram-se reeditores, ou seja, multiplicadores dos conteúdos para outros profissionais no seu município.

Essas capacitações multiprofissionais e inter-setoriais são momentos profundos e especiais de troca de experiências e também de aproximação entre os setores e os profissionais que, muitas vezes, têm o mesmo foco de atuação e o mesmo espaço territorial, mas nem se conhecem. As primeiras capacitações foram marcadas por muitas descobertas e aproximações.

Temos presenciado por meio dessas vivências, a intersectorialidade saindo dos textos, dos discursos e das propostas e se tornando uma realidade viva e atuante. São médicos, agentes comunitários, professores, dentistas, assistentes sociais, psicólogos, auxiliares e técnicos de enfermagem sentando juntos para aprender, refletir e trocar experiências sobre a primeira infância.

Para a minha atuação como articuladora de atenção básica essas capacitações são oportunidades de aprofundar e ampliar o relacionamento com os profissionais da atenção básica e seus pares intersectoriais, assim como implementar e estabelecer elo com outros projetos das esferas estadual e federal.



Além disso, tenho a possibilidade de monitorar indicadores como mortalidade materno-infantil, sífilis congênita, acompanhamento nutricional, cobertura vacinal, aleitamento materno entre outros.

Nas atividades de formação foram utilizadas estratégias como: mapeamento do perfil do grupo e levantamento dos seus saberes e conhecimentos; fortalecimento do grupo e da ética colaborativa; dinâmica de grupo, dramatização e vivências de situações problema; socialização dos conhecimentos prévios e ampliação de conceitos teóricos; apresentação oral; análise de situações modelo (fotos, vídeos).

Como recursos audiovisuais utilizamos trechos de filmes, músicas, histórias infantis, oficinas de arte, técnicas de relaxamento, técnicas corporais, confecção de objetos.

Realizamos também visita diagnóstica para conhecimento das principais instituições/equipamentos do município voltadas para a temática a ser desenvolvida; leitura de programas, protocolos oficiais e referenciais sobre a temática tratada. A problematização da prática e elaboração de propostas e projetos a partir da realidade local.

A realização da Semana Regional do Bebê em conjunto com a Semana Internacional do Aleitamento Materno se tornaram o ponto alto das ações programadas. Com o objetivo de sensibilizar e mobilizar a sociedade para a importância do desenvolvimento saudável da Primeira Infância, já foram realizadas duas semanas regionais do bebê desde o início do programa.

A primeira em novembro de 2012 e a segunda em agosto de 2013. A proposta é que seja realizada anualmente na primeira semana de agosto em todos os municípios para coincidir com a semana internacional do aleitamento materno. Vale a pena destacar que em quatro dos nove municípios essa semana já se tornou Lei Municipal. Da primeira para a segunda semana regional do bebê pudemos constatar um crescimento e uma grande valorização do programa.

Em 2013 a abertura ocorreu nas Câmaras Municipais ou em grandes espaços públicos na maioria dos municípios, com ampliação da participação de outros setores como cultura, esporte, comunicação expandindo a intersectorialidade e, em quase todos, com a presença do prefeito.

Atividades como desfiles dos bebês com suas famílias, atividades lúdicas nos coretos das praças, dia da família no parque da cidade, apresentação de palhaços, teatros, a família vai à creche, rodas de conversa com os pediatras, gestantes moldando a barriga no gesso, sessões de shantala para os bebês, palestras com profissionais especializados entre outras, marcaram essas semanas.

Durante todo o processo de implantação e desenvolvimento do programa, o seu monitoramento e avaliação são nossa preocupação constante, tornando-se um eixo estratégico nos diferentes momentos do seu ciclo de vida. O modelo de avaliação é pautado pela busca de evidências para orientar tomadas de decisão no processo de implantação, bem como para estruturar o conhecimento gerado a partir das experiências locais.

A reaplicação da avaliação marco-zero ao final do primeiro ano, e indicadores como: porcentagem de captação precoce de gestantes no pré-natal; porcentagem de aleitamento materno; mudanças significativas no processo de trabalho nas UBS, CRECHES, CRAS; sensibilização e motivação das equipes multiprofissionais na disseminação do conhecimento em DI; adesão da comunidade nos grupos, eventos e ações voltadas ao DI; realização da semana do bebê; mudanças na gestão do trabalho e da metodologia de ensino-aprendizagem, valorização do diálogo, a experiência e a reflexão que possibilitem ao participante ocupar o lugar de sujeito na construção do conhecimento possibilitarão o acompanhamento e a avaliação de impacto do programa.

Desde a implantação oficial do programa em 18 de abril de 2012 até a presente data podemos contabilizar alguns resultados bastante positivos. No que se refere à governança ou gestão do programa destacamos como ganhos:

- Assinatura do Termo de compromisso pelos nove prefeitos, Fundação e SES na implantação e desenvolvimento do programa;
- Composição do Comitê Gestor Regional
- e contratação do articulador regional;
- Composição dos Comitês Municipais e indicação dos articuladores locais em todos os municípios;
- Apresentação detalhada do Projeto aos Prefeitos, Secretários de saúde, educação e desenvolvimento social dos 9 municípios;
- Realização de avaliação de linha de base sobre a qualidade da atenção à criança pequena em todos os municípios.
- Foram construídos 50 indicadores (metodologia que combina dados secundários com entrevistas com profissionais e famílias; Avaliação marco zero, entre outros).;
- Realização de eventos de sensibilização para o tema nos oito novos municípios com um total aproximado de 760 participantes;
- Maior divulgação na mídia sobre o tema;
- Criação de Lei Municipal instituindo a Semana do Bebê em quatro municípios;
- Maior integração regional, até mesmo para debate e encaminhamento de casos individuais e coletivos.

Podemos destacar como principais conquistas na área da Saúde:

- As Unidades Básicas de Saúde passaram a estimular o início do pré-natal entre o primeiro e segundo mês de gestação.
- Observa-se maior estímulo à participação do pai no pré-natal e puericultura por parte dos profissionais.
- Constata-se melhoria do acolhimento nas consultas de pré-natal, ultrassom e no momento do parto.
- As fichas de acompanhamento de pré-natal e puericultura passaram a incorporar os aspectos emocionais do desenvolvimento infantil em alguns municípios.
- Observa-se uma maior preocupação na organização de visitas de gestantes, pais ou acompanhantes às maternidades para conhecer o local e a equipe que irá atendê-los.
- Em muitos municípios houve ampliação dos grupos com gestantes, mães e pais de bebês, favorecendo trocas de informações e experiências, com o compartilhamento de dúvidas e problemas comuns.



Algumas Unidades Básicas de Saúde ampliaram horários de atendimento para gestantes e crianças para possibilitar a participação dos pais. Foram criados grupos de gestantes exclusivos para adolescentes.

Observa-se uma qualificação no atendimento odontológico para as crianças com atuação dos dentistas no momento do tratamento preparando a mãe e a criança, explicando os procedimentos para que entendam o que está acontecendo.

Maior articulação das unidades de saúde com a rede (creches, CRAS) existentes nos territórios, para auxiliar as famílias em situação de vulnerabilidade. Criação de ambientes mais acolhedores nas unidades de Saúde, com brinquedos, livros, etc (espaços lúdicos). Como reflexo as conquistas na Educação Infantil aparecem:

- Revisão das propostas pedagógicas das creches.
 - Criação de espaços pedagógicos.
 - Melhor aproveitamento dos investimentos das prefeituras em materiais didáticos (livros, brinquedos etc.).
 - Maior disponibilização de programas de capacitação para que educadores saibam estimular o desenvolvimento integral das crianças em creches.
 - Aumento da participação dos pais em reuniões pedagógicas.
 - Estímulo para os pais trazerem brincadeiras de sua infância às reuniões, permitindo que eles compartilhem o hábito com os filhos.
 - Autorização de entrada dos pais e/ou cuidadores nas creches e pré-escolas para deixar e retirar seus filhos. Maior conhecimento do ambiente escolar, estabelecimento de vínculo com as educadoras, mais segurança para as crianças.
- Substituição dos berços por tatames para que, ao acordar, as crianças possam se movimentar e interagir com os colegas, estimulando sua autonomia.

Se tivéssemos que destacar três conceitos como diferenciais para esse programa escolheríamos: intersetorialidade, supervisão e reedições, pois são as ações que diferenciam essa proposta e faz com que nos apaixonemos por ela.

Resumidamente, poderíamos dizer que o programa é uma tecnologia social que combina articulação, gestão, monitoramento, avaliação, formação e mobilização em favor da criança de 0 a 3 anos.

É direcionado pelo tripé: mobilização e sensibilização da sociedade civil; formação dos profissionais e apoio técnico à gestão pública na implementação de políticas para a primeira infância.

Tem como propósito, também, disseminar experiências e boas práticas para outros municípios e para toda a sociedade dos avanços obtidos e seus maiores desafios. Para isso, fomenta o trabalho em rede e a intersetorialidade, busca a troca contínua e permanente.

A experiência é considerada bastante exitosa e será implementada em outras quatro regiões do Estado, totalizando 32 novos municípios, quatro CGR (Votuporanga, São Carlos, Apiaí e Litoral Norte), sendo, atualmente, denominado de São Paulo pela Primeiríssima Infância.



Secretaria do Estado da Saúde - SP

O Convênio Secretaria Estadual/Fundação MCSV já foi firmado e as atividades estão em planejamento. Outro ponto importante, é que o programa além de fornecer subsídios para o lançamento do Programa São Paulo pela Primeiríssima Infância, busca continuamente a interface e qualificação com outros projetos intersetoriais em desenvolvimento pelo governo federal, tais como: Brasil Carinhoso (geração de renda, apoio nutricional e priorização na creche e pré-escola); Rede Cegonha (qualificação do pré-natal, nascimento, puerpério e desenvolvimento infantil) e PSE - Programa de Saúde na Escola voltado às crianças, adolescentes, jovens e adultos da educação pública.

Tudo isso pode ser aplicado com as devidas adaptações à realidade de outros municípios e regiões.

Por fim, a importância do programa em priorizar integralmente as crianças pequenas com estruturas que estimulam a atuação intersetorial interdisciplinar reforça o que a comunidade global tem aprendido em proporcionar às mães, crianças e famílias cuidados que promovam o desenvolvimento infantil.

Assim, este conhecimento e o trabalho desenvolvido por este programa é uma oportunidade sem precedentes para salvar muitas crianças.

Ligia Maria de Almeida Bestetti

Articuladora de atenção básica da

Secretaria Estadual da Saúde



Secretaria do Estado da Saúde - SP



Igreja Nossa Senhora Aparecida – Praça da Matriz

Votuporanga



“A participação dos três níveis de governo e da iniciativa privada em prol da primeira infância fortalece e viabiliza a implantação de políticas educacionais em rede.”

Júnior Marão

Prefeito de Votuporanga

População estimada 2013	89.715
Porte	Médio
IDHM*	0.790
IDF*	0.64
Mortalidade Infantil***	3.75
IDEB - Anos iniciais**	6.4
Meta	6.7
Matrícula escolar****	2.929
Número de escolas	15

Sou Sílvia Cristina Rodolfo, Secretária Municipal da Educação de Votuporanga/SP e Coordenadora Executiva do Arranjo de Desenvolvimento da Educação do Noroeste do Estado de São Paulo – ADE Noroeste Paulista, que é um trabalho em rede que atualmente envolve 50 municípios da região noroeste paulista: Álvares Florence, Américo de Campos, Aspásia, Cardoso, Cosmorama, Dirce Reis, Dolcinópolis, Fernandópolis, Floreal, Gastão Vidigal, General Salgado, Indiaporã, Jales, Macedônia, Magda, Marinópolis, Meridiano, Mesópolis, Mira Estrela, Monções, Nhandeara, Nova Canaã Paulista, Nova Castilho, Nova Luzitânia, Olímpia, Ouroeste, Parisi, Pedranópolis, Pontalinda, Pontes Gestal, Populina, Riolândia, Rubinéia, Santa Clara D'Oeste, Santa Fé do Sul, Santa Albertina, Santa Rita D'Oeste, Santa Saete, Santana da Ponte Pensa, São Francisco, São João das Duas Pontes, São João de Iracema, Sebastianópolis do Sul, Tanabi, Três Fronteiras, Turiúba, Urânia, Valentim Gentil, Vitória Brasil e Votuporanga.

Esse projeto nasceu em 2009 por iniciativa do Movimento Todos pela Educação e o Centro de Liderança Pública (CLP), sob a liderança de Votuporanga, e pode ser caracterizado como um agrupamento de municípios com características sociais e econômicas semelhantes, dentro de uma determinada região, com o interesse de abordar soluções em grupo, trocar experiências sobre questões educacionais, formar redes locais de educação e fomentar a cooperação entre os municípios para a implementação das ações do Plano de Ação Articulada (PAR).

Estabelece uma colaboração horizontal e intermunicipal, além de uma colaboração vertical entre os entes federados, com o propósito de elevar qualitativamente a Educação no território regional, com o apoio das instituições parceiras e foco no aprendizado dos alunos.

O ADE Noroeste Paulista atende principalmente alunos das escolas públicas municipais em Educação Infantil e ciclos I e II do Ensino Fundamental. Desde o início tem a parceria do MEC, com o Movimento “Todos pela Educação”, com o Centro de Liderança Pública-CLP. Atualmente, são entidades apoiadoras do ADE Noroeste Paulista: o Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Estado de São Paulo – IFSP, a União dos Dirigentes Municipais da Educação – UNDIME São Paulo, o Centro Universitário de Votuporanga – UNIFEV, a Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo, por meio da Diretoria de Ensino de Votuporanga e o Conselho Britânico.

Essa forma de organização do trabalho dos municípios está relatada no Parecer CNE/CEB Nº 9/2011, que trata da análise de proposta de fortalecimento e implementação do regime de colaboração mediante Arranjos de Desenvolvimento da Educação e recebeu homologação do Ministro da Educação, Resolução nº 1, de 23 de janeiro 2012, que dispõe sobre a implementação do regime de colaboração mediante Arranjo de Desenvolvimento da Educação (ADE), como instrumento de gestão pública para a melhoria da qualidade social da educação e Portaria Nº 1.238, de 11 de outubro de 2012, que constitui Grupo de Trabalho para elaborar estudos sobre a implementação de regime de colaboração mediante Arranjos de Desenvolvimento da Educação.



Para dar continuidade a esse trabalho, nós integrantes do ADE, elegemos um grupo de coordenação das atividades, estabelecemos diretrizes, sendo que uma delas é garantir nível ótimo de formação inicial e continuada de professores no território regional para atingir sua meta que é reduzir para 3% a defasagem no aprendizado por série/ano em língua portuguesa e matemática até 2016.

Desde a constituição do ADE Noroeste Paulista já realizamos 12 Fóruns “Educação Para Todos” para discutir temas que pudessem contribuir com a formação de gestores municipais da educação e equipes técnicas responsáveis pelo apoio no desenvolvimento da educação nos municípios.

Até 2011, privilegiamos a formação de gestores municipais da educação e suas equipes técnicas nesses eventos, abordamos temas como sistema de avaliação do rendimento escolar municipal, contraturno escolar e educação de tempo integral, planejamento estratégico, FUNDEB, ensino de 9 anos, plano de carreira e remuneração do magistério, o ensino de música na Educação Básica, e consórcios públicos municipais, como mecanismo para implementar políticas de educação.

Para discutir esses temas, contamos com a participação de especialistas como Cesar Callegari, Sinoel Batista, Mozart Neves Ramos, Clélia Mara Santos, Francisco Aparecido Cordão e Jaqueline Moll. Oferecemos oficinas de apoio técnico para realização do PAR e PDE-Escola. Além disso, organizamos reuniões de trabalho unindo 3 polos regionais da UNDIME para integrar municípios da região e prestar informações preliminares sobre a elaboração do PAR - 2011-2014.

Entretanto, em 2012/2013, com o apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus Votuporanga (IFSP), da Associação dos Municípios da Araraquarense – AMA e do Centro Universitário de Votuporanga/UNIFEV, nós do ADE organizamos e oferecemos formação continuada aos professores, por meio de congresso internacional de educação, que, a partir de 2014, será ofertado a cada dois anos, intercalando com um seminário de educação.

Quero destacar que a organização do 1º e do 2º Congresso Internacional de Educação teve a participação do IFSP, principalmente como entidade responsável pela organização do evento junto a CAPES, pela emissão dos certificados de 30 horas de formação para os participantes com 75% de presença e pela criação do site do evento: (www.congressointereduca.com.br), que possibilitou a inscrição online, cadastramento de presença e emissão por meio das gestões municipais da educação.

Além disso, é importante apontar que a AMA, após assinatura de um termo de compromisso realizado entre o presidente da entidade e a coordenação executiva do ADE, ficou responsável pela gestão financeira dos eventos, e que o Centro Universitário de Votuporanga/UNIFEV cedeu espaço para realização de 30 oficinas e minicursos oferecidos aos participantes dos Congressos.



André Luiz D. Takahashi

Também é importante evidenciar que criamos equipes operacionais para a realização bem sucedida desses dois eventos: cadastramento, controle de presença e informática; limpeza e reposição de materiais; organização das locações; logística de transporte e hospedagem; apoio aos congressistas; comunicação e documentação; coordenação de oficinas, além de uma comissão científica para elaboração dos anais e seleção de trabalhos científicos, envolvendo colaboradores do IFSP e da Prefeitura de Votuporanga.



André Luiz D. Takahashi

Com essa forma de organização, ênfase que foi possível realizar a formação continuada de professores com base no território regional, beneficiando diretamente a cada ano, cerca de 1200 educadores, atingindo principalmente professores, tanto aqueles da Educação Infantil, quanto os do Ensino Fundamental. No caso específico dos professores e educadores que atuam diretamente na Educação Infantil, todos puderam participar de uma programação ampla e diversificada, com mesas-redondas, oficinas e minicursos pertinentes ou com foco na primeira infância.



André Luiz D. Takahashi



1º. Congresso Internacional de Educação do Noroeste Paulista: “FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ÉTICA E PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO”

Palestras:

“*Brincando de Construir Espaços de Brincar*” - Profa. Dra. Roselene Crepaldi; “*Educação de Alunos com Dificuldades de Aprendizagem e Necessidades Educacionais Especiais*” - Prof. Ms. Eugenio Cunha; e “*A Ética no Processo de Ensino-Aprendizagem*” - Profª. Drª. Branca Jurema Ponce.

Mesas Redondas:

“*Projetos Educativos e a Construção do Currículo*” - Profª. Drª. Lilia González Velásquez (México), Profª. M.Sc. Sandra Regina Rezende Garcia, Prof. Dr. Celso dos Santos Vasconcellos, Prof. Dr. Geraldo Peçanha de Almeida, Prof. Dr. Francisco Aparecido Cordão - Mediadora: Profª. Drª. Paula Baptista Jorge Louzano; “*Educação Infantil: A importância do Brincar*” - Prof. Esp. Edson da Costa Vitor, Prof. Ms. Sirlândia Teixeira - Mediador: Prof. Dr. Francisco Aparecido Cordão; “*Formação Inicial e Continuada de Professores*” - Prof. Dr. Mozart Neves Ramos; Prof. Dr. Luís Carlos de Menezes; Profª. Drª. Bernadete Angelina Gatti Prof. Dr. Francisco Aparecido Cordão; representantes das Instituições de Ensino do Noroeste Paulista: IFSP, UNIFEV, UNIJALES, FEF, FAECA-Dom Bosco – Monte Aprazível, UNICASTELO, FUNEC – Santa Fé do Sul- Mediadora: Andréa Bergamaschi.

Oficinas e práticas exitosas:

Os Jogos Simbólicos: A Imaginação e a Sensibilização Corporal; Motricidade; Brincadeiras Cantadas; Arte; Releitura de Obras; Resgate Cultural das Atividades Recreativas com Material Alternativo na Educação Motora; Projeto de Leitura - Contos de Andersen; Esculturas Sonoras – Artes Visuais e Música; Cuidados na Infância; A Arte na Educação Infantil; e Jardim Vertical Ecológico.

Encerramento – teatro “Baú de Histórias”.



André Luiz D. Takahashi

2º. Congresso Internacional de Educação do Noroeste Paulista - “Alfabetizar e Educar para Avançar – O Desafio da Aquisição do Conhecimento no Momento Certo” –

Palestras:

“*Os Direitos de Aprendizagem*” - Herman Jacobus Cornelis Voorwald - Secretário da Educação do Estado de São Paulo; e “*Políticas Públicas para Educação de Qualidade: Dicotomia entre Idade e Idade escolar*” - Prof. Francisco Aparecido Cordão.

Mesas Redondas:

“*Primeira infância, Neuroeducação e a Prática Pedagogia Escolar*” - Ivani Capellosa Naked; Roberta Leal Pimentel; Dr. Marcos Davi dos Santos - Mediador: Esp. Patricia Rodrigues Sanches; “*Educar no Século XXI*” - Dra. Lucilia Regina de Souza Machado, Me. Ricardo Santos, Dr. Baldev Singh (Reino Unido) – Mediadora: Clélia Mara Santos; “*Novas Metodologias de Ensino e Práticas Pedagógicas mais Eficientes*” - Anthony McNamara (Inglaterra), Mervyn Lowe Neto, Dr. Eládio Sebastian Heredero (Espanha) – Mediador: Esp. Francisco Aparecido Cordão.

Mini Cursos:

“Autogerenciamento do estresse” - Darley Miranda; “Cuidados necessários com a criança na primeira infância” - Dr. Marcos Davi dos Santos; “Estratégias para interação família-escola” - Sérgio Jamal Gotti; “Construção da qualidade na educação escolar” – Prof. Dr. Mozart Neves Ramos “Reunião de Pais: quebrando paradigmas e vencendo preconceitos” - Lolay Dumara Toloni.

Oficinas e práticas exitosas:

Filosofia com Crianças: Penso, Logo Existo; A Vez da Voz: Cuidados Básicos para o Profissional Mantê-la Sempre Saudável; Professor de Bebês: O Trabalho com Crianças Pequenas em Espaços Socializados; Projeto de Leitura: Sitio do Pica-Pau Amarelo - Monteiro Lobato; Língua Portuguesa: Utilização da Nova Ortografia e o Desenvolvimento do Gosto pela Leitura e pela Escrita através da Abordagem de Alguns Contos; Boas Práticas de Arte na Educação Infantil; Projeto Vozes do Futuro; Jogar, Brincar e Ensinar; Como Contar Histórias Infantis; Origami: Padrões de Dobraduras para Ensinar às Crianças ou para Contação de Histórias; Encantando Canções; Ensino de Ciências para Crianças do Ensino Infantil e Fundamental I: Como Estimular a Curiosidade dos Pequenos, Despertando-os para Espírito Crítico; Alfabetizar Brincando: o Jogo e a Música na Alfabetização; Jogos Cooperativos; Possibilidades Inclusivas: Contação de Histórias em LIBRAS; Pesos Inteligentes: Cardápio Escolar com Qualidade - A Saúde e o Meio Ambiente Agradecem.

Encerramento: Teatro - Circo De Pulgas.



André Luiz D. Takahashi



Como Coordenadora Executiva do ADE Noroeste Paulista, ressalto a importância dessa formação coletiva, principalmente porque viabilizamos a participação em grande escala de educadores do noroeste paulista nesses eventos que reuniram lideranças internacionais na área de educação.

Além disso, cada evento permitiu a integração regional dos professores que atuam na Educação Infantil e Ensino Fundamental do ADE Noroeste Paulista.

Oferecemos o compartilhamento de práticas educacionais exitosas entre participantes das oficinas, possibilitamos um diálogo com as IES que formam os professores na região, ampliamos a reflexão sobre a inovação de currículos na Educação Infantil, na Educação Fundamental e no Ensino Médio e aprofundamos a reflexão sobre a ética na relação ensino x aprendizagem.

Para concluir, é importante ressaltar que essa forma de atuação expressa um regime de compartilhamento de responsabilidades no que se refere ao desenvolvimento prioritário da Educação Infantil e Ensino Fundamental no território regional, efetivando na prática o regime de colaboração vertical entre União, Estado e Municípios e o regime de colaboração horizontal entre os municípios do noroeste paulista.





Vamos brincar?

O relato a seguir apresenta uma das ações realizadas para a disseminação do brincar como promoção do desenvolvimento infantil no município de Votuporanga.

O Programa de Desenvolvimento Infantil se iniciou no ano de 2010, quando a prefeitura do município celebrou convênio com a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, da cidade de São Paulo, e com a Faculdade Educacional de Votuporanga (Centro Universitário - UNIFEV).

A finalidade de tal parceria era disseminar conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil, em especial sobre a Primeiríssima Infância a todos os profissionais das áreas da saúde, da educação e da assistência social, pautados em estudos da neurociência.

Os estudos da neurociência e das ciências comportamentais e sociais nos mostram que o desenvolvimento da primeira infância é essencial e marca o indivíduo por toda sua vida.

Ou seja, o desenvolvimento humano e até mesmo econômico está intimamente relacionado à oportunidade das crianças atingirem seu potencial nos primeiros anos de vida.

Mary Eming Young observa em seu livro “Do desenvolvimento da primeira infância ao desenvolvimento humano: investindo no futuro de nossas crianças”,

“

“A primeira infância é uma época de grande vulnerabilidade e também de oportunidades. Mudanças rápidas e dramáticas no desenvolvimento físico e mental ocorrem durante os três primeiros anos da vida humana.

“

Estas mudanças no decorrer do desenvolvimento são atualmente encaradas como os principais componentes do funcionamento cognitivo e emocional dos adultos. Conforme pesquisas relatadas pela autora sobre o cérebro evidencia-se que as experiências iniciais podem moldar o desenvolvimento dos indivíduos (...) e que a primeira infância oferece uma oportunidade única de mudar o curso da vida de todas as crianças, especialmente daquelas em risco.”

Para atingir o objetivo de provocar a mudança de comportamento para a melhoria da atenção dada às crianças, permitindo seu desenvolvimento integral e desse modo promovendo o desenvolvimento da sociedade como um todo, realizamos ações de formação conceitual de grupos compostos por diferentes profissionais, e destes grupos saíram projetos que envolveram as famílias e as crianças da primeira infância.

Os novos conhecimentos trouxeram outro olhar sobre as práticas promotoras do desenvolvimento infantil. Uma das novas aprendizagens foi a importância do brincar para o desenvolvimento infantil. Brincar é uma atividade própria da criança, é sua forma de estar diante do mundo e interagir com ele.

Diante desta aprendizagem e do diagnóstico da ausência de espaços lúdicos para a Primeira Infância modificamos um ônibus já utilizado pela administração municipal e o transformamos em uma brinquedoteca móvel.

Durante um curso de formação continuada sobre o brincar, um grupo de educadores da educação infantil do município teve a ideia de transformar o ônibus que recebeu o nome de BIBI FOM FOM.

Com a finalidade de garantir para as crianças do município um novo espaço para brincar sem cobrança, com acesso a uma grande variedade de brinquedos, permitindo novas experiências e descobertas, nasceu a brinquedoteca móvel.

Verificamos que o BIBI FOM FOM possibilita novas experiências à Primeira Infância e ainda, incentiva a comunidade a compreender o brincar como ação geradora de desenvolvimento intelectual, emocional e social. Conforme afirma Santos,

“Estudos recentes têm mostrado que as atividades lúdicas são ferramentas indispensáveis no desenvolvimento infantil, porque para a criança não há atividade mais completa do que o brincar. Pela brincadeira, ela é introduzida no meio sociocultural do adulto, constituindo-se num modo de assimilação e recriação da realidade.”

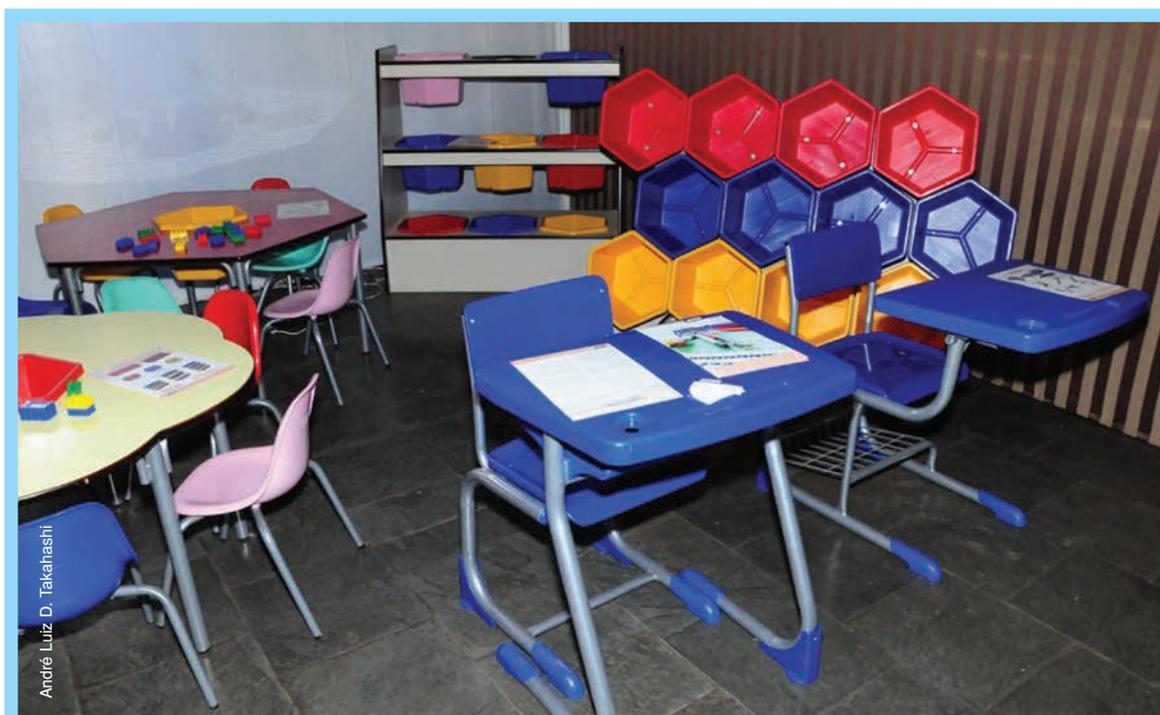
Outra especialista da área, Angela Cristina Munhoz Mafuf, em sua obra “Atividades Lúdicas para Educação Infantil: conceitos, orientações e práticas”, esclarece que:

“As atividades lúdicas são instrumentos pedagógicos altamente importantes, mais do que entretenimento, são um auxílio indispensável para o processo de ensino-aprendizagem, que propicia a obtenção de informações em perspectivas e dimensões que perpassam o desenvolvimento do educando. A ludicidade é uma tática insubstituível para ser empregada como estímulo no aprimoramento do conhecimento e no progresso das diferentes habilidades.”

Esta brinquedoteca móvel percorre os diferentes bairros da nossa cidade e atende prioritariamente crianças de 6 meses a 3 anos, contudo também oferece oportunidade de brincar para criança de até 6 anos. Já atendemos aproximadamente três mil crianças.

Dentro do ônibus é possível encontrar bonecas, mini-cozinha, bolas, carrinhos, mordedores, fantasias, fantoches, peças de encaixe, materiais para pintura, instrumentos musicais, jogos, gangorras e triciclos.

Os adultos são incentivados a brincar e a interagir com as crianças. Durante eventos de promoção do desenvolvimento infantil, além das ofertas de brinquedos e brincadeiras, oferecemos oficinas para pais e educadores para esclarecer dúvidas e reforçar o vínculo entre adulto e criança.





Os brinquedistas (profissionais que atuam na brinquedoteca e fazem a mediação do brincar tanto com as crianças como com os pais) receberam treinamentos específicos sobre como devem agir para permitir o brincar da criança com autonomia e como agir na mediação de conflitos.

O aporte financeiro para a transformação do ônibus em brinquedoteca móvel partiu da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal com contrapartida da prefeitura. A Fundação Educacional, por meio dos cursos de arquitetura, publicidade e propaganda auxiliaram adequação do espaço interno e *design* do projeto.

As crianças quando entram no ônibus ficam extasiadas e não querem sair, dificultando muitas vezes a rotatividade no espaço. Para mediar, os brinquedistas criam ambientes externos como uma extensão do ônibus com novas formas de brincadeiras.

A nossa cidade, Votuporanga, também tem outros espaços lúdicos nas unidades de Saúde, Santa Casa, Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) e, claro, em todas as unidades de Educação Infantil.

Esta ação permite que a sociedade perceba o quanto é relevante o brincar como instrumento de promoção do desenvolvimento humano, pois brincar é a primeira experiência de nosso aprendizado como seres humanos.

Silvia Cristina Rodolfo

Secretária Municipal da
Educação de Votuporanga

C

A

P

Í

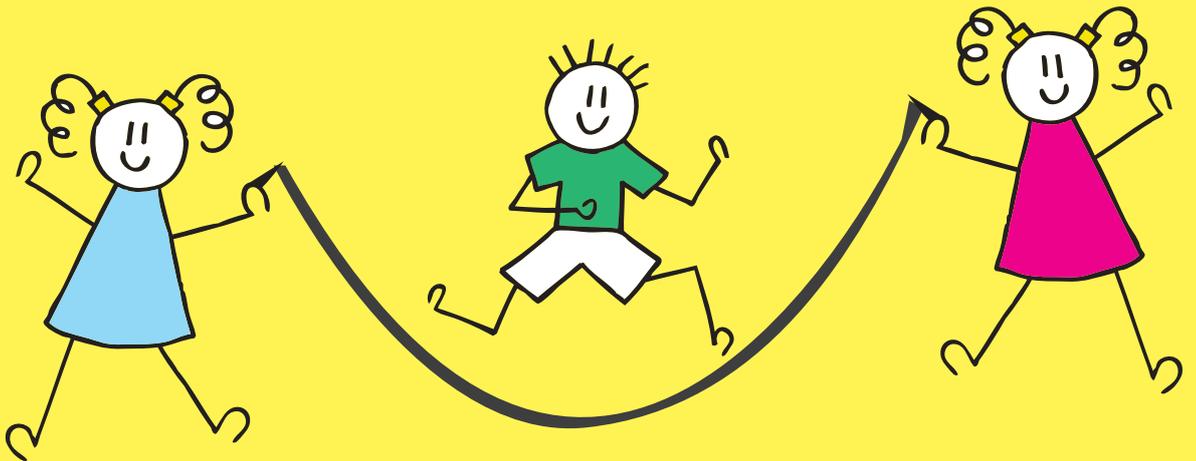
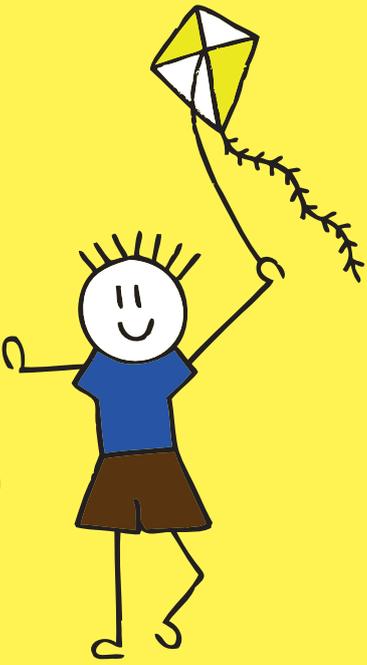
T

U

L

O

2



Implementação de Políticas e Projetos nas Escolas

Apresentando:

- Amparo
- Assis
- Campos do Jordão
- Franca
- Regente Feijó



amparo.sp.gov.br

Casa do Artesanato

Amparo

“

(...) A Primeira Infância é sem dúvidas a fase em que se constrói a base para o futuro cidadão. Nela, os valores são aprendidos e as sementes são lançadas, sementes essas que serão colhidas lá na frente (...)

Luiz Oscar Vitale Jacob

Prefeito de Amparo

População estimada 2013	69.322
Porte	Médio
IDHM*	0.785
IDF*	0.60
Mortalidade Infantil***	8.79
IDEB - Anos iniciais**	5.5
Meta	5.4
Matrícula escolar****	2.323
Número de escolas	22

Legenda: * 2010 ** 2011 *** 2012 **** 2013

Meu nome é Luana Ferrarotto, moro em Amparo, interior de São Paulo, e sou diretora do Centro Integrado Municipal de Educação (CIME) Branca de Neve. O CIME Branca de Neve é uma escola que recebe crianças de onze meses a seis anos de idade, todas da comunidade do Jardim Brasil e adjacências. Funciona em período integral atendendo, atualmente, cerca de 150 crianças. Destas, 138 estão matriculadas em período integral e as demais frequentam apenas a pré-escola no período vespertino.

Em 2011, quando ingressei na gestão da referida unidade escolar, busquei informações acerca da comunidade, a fim de identificar suas características e necessidades. Meu objetivo era contribuir favoravelmente com as crianças e suas famílias. Dessa forma, com o intuito de obter informações relacionadas ao cotidiano da comunidade e, também, para enriquecer os projetos desenvolvidos pela escola, enviei aos pais um questionário com perguntas sobre as condições socioeconômicas e culturais das famílias. Foram 67 questionários enviados, dos quais 56 retornaram.

Com as informações coletadas, eu e a coordenadora pedagógica da escola, Flávia Maria Amaral Frem, começamos a analisá-las e, após muitos cálculos e reflexões, concluímos que nossa comunidade não via a leitura como uma forma de lazer. Quando questionados sobre o que faziam para se divertir, muitos relataram: assistir à TV, ir à igreja, ir à casa de parentes. Devo confessar que já esperava tais respostas, entretanto, imaginava que alguns responderiam que lêem, ao menos, para os filhos. Assim, meu desafio foi: como incentivar a leitura em minha comunidade?

Enquanto gestora, o que posso fazer para que as crianças sintam prazer em ler? Preocupada com tal realidade e, sobretudo, sabendo que o prazer pela leitura é essencial na formação do imaginário infantil, da consciência crítica e do contato com os conhecimentos socialmente construídos, em 2012, em conjunto com a coordenadora pedagógica, estabeleci como meta investir em ações que despertassem o prazer pela leitura, tanto nas crianças como nos adultos. Vale destacar que a coordenadora Flávia já realizava um projeto com objetivo de criar o hábito pela leitura.

Para tanto, no início de cada ano letivo, as turmas da escola recebiam uma maleta com um livro infantil, uma leitura para adulto e um caderno para registro. A cada dia da semana uma criança levava a maleta para casa e, no dia seguinte, contava aos colegas o que havia gostado na história.

Aproveitando tal projeto e, considerando os dados obtidos com o questionário, eu e Flávia começamos a estudar e pesquisar formas de enriquecer nossa prática. Em um dos materiais que encontramos, nos chamou a atenção a concepção de leitura apresentada por Raquel Villardi.

De acordo com seu modo de pensar, há distinção entre o hábito de leitura e o gosto pela leitura, uma vez que o primeiro está relacionado ao cumprimento de um dever e o segundo ao prazer. Para Villardi (1999) é importante que o educador atribua à leitura uma finalidade prazerosa e não apenas uma atividade obrigatória, pois só assim será possível formar leitores para a vida toda.



Ter contato com a abordagem de Villardi foi muito bom para mim e acredito que para toda equipe. Mudei meu modo de conceber a leitura e busquei fazer com que a equipe da escola percebesse o quão importante era proporcionar às crianças situações de leitura lúdicas e prazerosas. A coordenadora pedagógica também passou a adotar o conceito “prazer pela leitura” em seus relatórios de orientação e em seu projeto de atuação. Atualmente, penso que ao despertar o prazer pela leitura, ler os portadores textuais que nos colocam em contato com o conhecimento socialmente construído vem como consequência. Dessa forma, acredito que a relevância em efetuar atividades de leitura e, quem sabe, despertar o prazer de ler em crianças e adultos, significa, concomitantemente, proporcionar a comunidade do Jardim Brasil momentos de reflexão sobre a sua realidade.

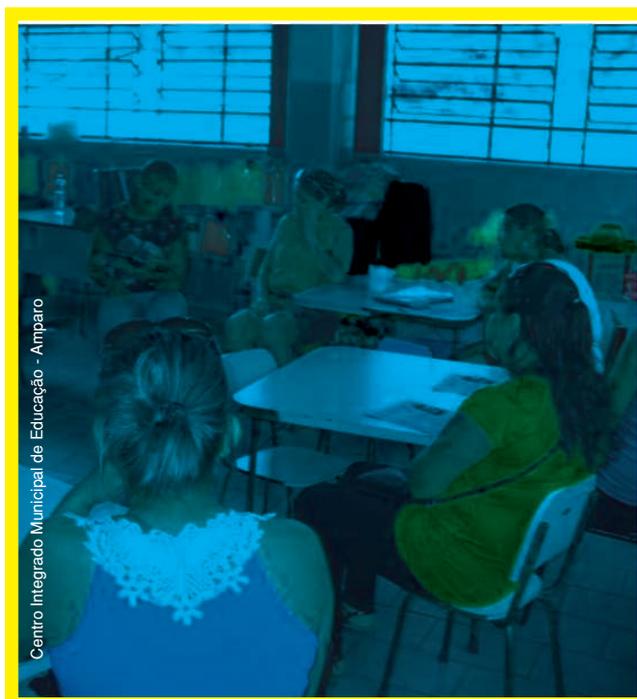
Logo que tive contato com as respostas das famílias, pensei em conversar com os pais das crianças, a fim de levá-los a refletir sobre a importância da leitura. Para tanto, não bastava dizer, era preciso sensibilizá-los. Considerando que os pais gostam muito de conhecer o dia a dia da instituição e frequentemente querem ver imagens de seus filhos, com o apoio da coordenadora, apresentei às docentes uma dinâmica de leitura, envolvendo os pais, para ser desenvolvida na reunião do 3º bimestre de 2012.

Nesta reunião, os pais assistiram ao vídeo Projeto Entorno da Revista Nova Escola, que ilustra como a leitura é vivenciada no ambiente escolar. Em seguida, para atrair a atenção das famílias, as professoras do CIME Branca de Neve apresentaram a sua prática, ou seja, como incentivavam suas crianças a ler.

Algumas fizeram a leitura de um livro conhecido pela turma, destacando quem era o autor, a editora e mudando a entonação da voz nas falas dos personagens. Outras, contaram histórias utilizando fantoches e fizeram com que os pais montassem a sequência de contos clássicos, sempre fazendo referência aos livros. Para os pais das crianças de berçário, foi apresentada uma gravação do momento da história, com a participação dos bebês. Foi uma experiência inédita na escola.

Algumas professoras, inicialmente, não gostaram da proposta de ler para os pais. Alegaram que os mesmos não se interessariam.

Entretanto, apesar do meu receio de que isso realmente acontecesse, fiquei muito contente ao ver que as mães e os pais caíram na risada e pediram mais quando a leitura terminou. Foi uma grande surpresa! As imagens a seguir retratam as professoras lendo e contando histórias para as famílias.





CIME Branca de Neve - Amparo

As demais ações vislumbrando o despertar do prazer pela leitura aconteceram em 2013.

Novamente com o auxílio dos professores e da coordenadora, duas bibliotecas de tecido foram confeccionadas para os berçários. O objetivo era deixar que os bebês tivessem livre acesso aos livros.

Para tal ação foi necessário conversar, sensibilizar e promover momentos de formação continuada com as educadoras de creche, que atuam em conjunto com as professoras nos berçários. Assim, a coordenadora selecionou textos informativos, cuja finalidade foi fazer com que elas refletissem sobre a questão. Antes do estudo do material selecionado, muitas argumentavam e questionavam das seguintes formas: “mas eles vão rasgar os livros!”, “Eles podem brincar com os livros em qualquer momento?”, “E na hora do sono, como faremos?”.

Além da disposição dos livros na altura das crianças, modificando o espaço físico, foi preciso construir com elas uma nova concepção de leitura. Nos primeiros dias, a biblioteca de pano, que foi costurada por uma funcionária e decorada pelas professoras, tornou-se o divertimento das crianças.

Os bebês não largavam os livros e não queriam saber de outra coisa. Acredito que, apesar da resistência inicial, todos perceberam a relevância do contato com os livros e que, da sua maneira, os bebês também lêem. De tanto manusear, já foi necessário reformar as bibliotecas de tecido instaladas nos berçários.



CIME Branca de Neve - Amparo



CIME Branca de Neve - Amparo



O acesso a livros de qualidade e de bons autores também foi minha preocupação. Era comum, no CIME Branca de Neve, as professoras deixarem as crianças manusearem apenas os livros mais simples, com poucas páginas. As grandes obras de Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Eva Furnari, Illan Brenman, por exemplo, ficavam armazenadas em caixas na diretoria. Claro que durante a roda, diariamente, tais livros eram utilizados pelas docentes, contudo, eles não eram realmente explorados e manipulados pelas crianças.

Para transformar essa realidade, novamente em conjunto com a coordenadora, sugeri que as professoras levassem, semanalmente, as crianças à biblioteca e deixassem que elas explorassem o livro que desejassem. No início, de forma tímida, as professoras passaram a oferecer as grandes obras para as crianças. Hoje, além de fazerem uso de um tapete pintado pelas crianças, especialmente para a roda de leitura, tornando-a mais aconchegante, as crianças apreciam os livros com mais liberdade. Aliás, será necessário ampliar o tapete. Um detalhe é importante mencionar: não houve a destruição dos livros, tão temida pelas docentes.

Para complementar a ação, a coordenadora Flávia, elaborou uma nova. Sua proposta foi associar a leitura dos livros infantis com adereços (fantasias, perucas, chapéus, etc.).

Assim, surgiu o baú da imaginação. Tal baú é composto por um conto clássico e os adereços relacionados à história.

Eu sempre procurei envolver as crianças na construção dos materiais utilizados cotidianamente e com o baú não foi diferente. O baú branco de MDF foi decorado pelas próprias crianças. Quando o baú já estava pronto, o mesmo foi apresentado às crianças, que ficaram encantadas. Cada semana uma turma fica com o baú em sua sala. As professoras organizam como irão explorar o material com as crianças. Algumas utilizam já no início do dia, outras preferem deixar para o final. O importante é que todos tenham contato, possam explorar os livros e soltar a imaginação.

A última ação promovida do final de 2013 e que terá sua culminância no primeiro bimestre de 2014 é a biblioteca aberta à comunidade. Considerando que o prazer pela leitura também deve ser vivenciado pelas crianças em seus lares, nada mais necessário do que despertar o prazer em ler nas famílias e dos funcionários da escola.

A intenção em atingir os funcionários é que, dessa forma, eles podem estimular as crianças e os pais, enriquecendo nossa ação. Além do que, muitos já trazem livros da biblioteca municipal para ler durante o horário de almoço.



Para arrecadar os livros, durante as atividades do último bimestre de 2013, as professoras e as crianças confeccionaram cartazes pedindo doação de livros em bom estado. Os cartazes foram anexados nos pontos comerciais próximos à escola pelas próprias crianças ao realizarem, com suas docentes, um passeio pelo entorno da instituição. Também foram enviados cartazes para o Paço Municipal e para o Centro de Formação de Professores da Secretaria Municipal de Educação. A escola recebeu vários livros. A própria comunidade contribuiu e nos trouxe livros de excelente qualidade, como Clarice Lispector e Manuel Bandeira.

O desafio com tal ação foi novamente sensibilizar a equipe escolar. Quando anunciei a proposta da biblioteca aberta à comunidade, alguns funcionários comentaram que os livros se perderiam ou que ninguém iria utilizá-los.

Como estamos no início desta ação, ainda não será possível avaliar como ocorreu o uso da biblioteca pelas famílias, mas já é possível dizer que muitos estão interessados, uma vez que recebemos várias doações e alguns funcionários já estão emprestando livros mesmo sem a inauguração da biblioteca.



Neste relato, procurei demonstrar o caminho trilhado por mim e minha equipe para despertar o prazer pela leitura em crianças e adultos.

Confesso que não foi uma tarefa fácil. Apesar da dificuldade, acredito que já conseguimos boas conquistas. Penso, também, que muitos desses obstáculos são fruto da resistência ao novo.

O comodismo presente em nosso cotidiano muitas vezes nos deixa imobilizados e impede o avanço coletivo. Acredito, ainda, que a superação da inércia acontece, sobretudo, pela formação continuada. Ler constantemente, observar outras realidades, conhecer experiências de sucesso, podem mobilizar a equipe em prol da melhoria do trabalho realizado. Com as ações relatadas procurei, sempre, percorrer a estrada do estudo e da pesquisa.

Na escola que atuo, percebo que ainda há muitas barreiras a serem rompidas, contudo, o primeiro passo foi dado. Espero que as ações envolvendo o prazer pela leitura e o prazer em estar na escola sejam fortalecidas e enriquecidas.

Luana Ferrarotto

Diretora do CIME Branca de Neve Amparo



Igreja Matriz em Assis

Assis



“Aguçar o imaginário da criança possibilita maior visão e compreensão do mundo.”

Ricardo Pinheiro Santana
 Prefeito de Assis

População estimada 2013	100.204
Porte	Grande
IDHM*	0.805
IDF*	0.64
Mortalidade Infantil***	12.73
IDEB - Anos iniciais**	6.1
Meta	5.5
Matrícula escolar****	3.496
Número de escolas	29

Meu nome é Carlos Rogério dos Santos Coca, sou Diretor de uma Escola de Educação Infantil no município de Assis. Assumi a direção da EMEI “O Pequeno Polegar” no ano de 2011. Um espaço novo para mim, pois atuava há 15 anos como professor do Ensino Fundamental e Educação Infantil modalidade pré-escola e de repente estava inserido no contexto de uma escola que atende a modalidade Creche.

O entendimento desta nova modalidade de ensino só foi possível por meio de um amplo aprendizado, considerando as questões relacionadas à rotina e a execução de atividades práticas, à demanda administrativa e o suporte pedagógico diante de projetos educativos realizados.

Esta creche, levando-se em conta o contexto municipal, sempre foi modelo no que se refere ao trabalho pedagógico. As professoras sempre participam de cursos de formações, apresentam dinâmicas de trabalho em grupo e preocupam-se também com o desenvolvimento cognitivo das crianças. Assim, a instituição sempre escolheu projetos capazes de estimular nas crianças o desenvolvimento do pensamento, o raciocínio e a imaginação.

Dentre os diversos projetos pode-se destacar o “Contação de História”, escolhido por um grupo docente como permanente.

O projeto “A Hora do Conto” consiste na reunião semanal de todas as classes da modalidade creche para a contação de história.

O momento é propiciado aos alunos às quartas-feiras, ocasião em que as professoras - em revezamento semanal – se responsabilizam por contar histórias utilizando suportes variados como: dramatização, leitura, fantoches, caixa de histórias, flanelógrafo, tapetes e aventais de história. Em muitas das atividades o grupo de professores é bastante criativo, adapta figurinos e cenários. Tudo isso com objetivo de dinamizar a interação.

Um dia antes, às terças-feiras, o grupo responsável escolhe a história, planeja a ação, ensaia e comunica aos demais docentes o que vai ser proposto. Assim, todos, antecipadamente, sabem a história que será contada. Quando as crianças são recebidas na quarta-feira, atendendo cada faixa etária, as professoras começam a roda preparando os alunos para o momento da narrativa.

Nessa etapa, as professoras aguçam a curiosidade das crianças, levantando questões relativas ao conto. A interatividade é o ponto principal da ação. Os pequenos se manifestam durante o desenvolvimento do conto expressando seus sentimentos e emoções, nas diversas situações propostas.

Os momentos de histórias são planejados com narrativas clássicas e contemporâneas, além de acolher datas comemorativas como Páscoa, Dia do Índio, Semana das Crianças entre outras. Frequentemente, observamos as crianças nas rodas de brincadeira reproduzindo as histórias contadas pelos adultos inserindo seus personagens e dialogando com os colegas sobre como melhor representar cada pessoa: o príncipe, a princesa, o lobo, a bruxa e a fada.



Os alunos comentam nos momentos de roda, posterior aos contos, suas impressões sobre a história. É interessante ouvir os relatos das crianças, nos quais elas demonstram alegria de ouvir as histórias e de presenciar suas professoras.

Manifestam medos, ansiedades e preferências por determinados personagens. Por vezes comentam fatos de seu cotidiano quando o trabalho é feito com histórias contemporâneas. E buscam assemelhar os mesmos a sua postura e valores familiares.

O projeto estimula e colabora para a aprendizagem das crianças nas demais atividades, pois não está restrito apenas à contação. Desta forma, várias habilidades são estimuladas. Tais como o desenvolvimento da oralidade, organização da sequência temporal e a imaginação, além de socializar e integrar as turmas dinamizando o trabalho pedagógico a interação entre os docentes.

Como continuidade, também em cada sala, as professoras organizam empréstimos de livrinhos de história para que a família, em casa, vivencie o mesmo processo e desenvolvam o gosto e o hábito da leitura. Muitos pais participam deste momento e já demonstram a disponibilidade de ofertar às crianças os livros. Com isso as crianças estão tendo mais acesso à leitura, alguns vem para escola com seus livrinhos pessoais e pedem as professoras contarem suas histórias. Partilhar algo pessoal vivenciado em família tem propiciado às crianças a interação entre escola e família, além de elevar a sua autoestima e participação nos momentos coletivos.



EMEI O Pequeno Folgado - Assis



EMEI O Pequeno Folgado - Assis

A positividade do desenvolvimento deste projeto tem rendido frutos, pois os comentários dos pais validam as ações realizadas.

Em seus depoimentos os pais observam que a oralidade das crianças está se desenvolvendo, relatam, ainda, a ampliação do vocabulário e a facilidade em se comunicar, pois o projeto é oferecido para crianças a partir dos quatro meses de idade.

Salientam também que seus filhos, os maiores de dois à três anos, sugerem a compra de livrinhos, recontam histórias, relatam a rotina do dia. Os pais também comentam suas impressões nas reuniões bimestrais. Nestas reuniões os familiares também são orientados como proceder à leitura e quais as intenções do trabalho na escola e em casa.

Como dificuldade na realização do projeto destaco a rotatividade de professores. É comum, no início do ano letivo, a necessidade de propiciar a formação e conscientização sobre o projeto, pois muitos docentes consideram não possuir aptidão para dramatização. Contudo, sempre há boa vontade e disposição em participar, o que, aos poucos, propicia maior interação com o grupo.

Os professores relatam que a vivência propicia a formação e a aprendizagem com o grupo; estreitando relações e criando vínculo de parceria e amizade.

A troca de experiência e a adaptação de novas formas de recontar histórias amplia o repertório do grupo, visto que cada indivíduo colabora com suas informações pessoais para o trabalho.

Atualmente, a unidade escolar atende na modalidade creche, onde é realizado o projeto, 145 alunos de 4 meses a 3 anos. A realidade de cada família é bem heterogênea, o que não impede de todas atuarem em parceria com a escola. Os pais do Conselho de Escola e APM são bem atuantes e validam o projeto, por vezes sinalizam a importância da “Hora do Conto”, sugerem novas experiências e compra de mais recursos.

No papel de gestor, observo que o projeto caminha cumprindo os objetivos essenciais. Há, claro, a necessidade de ampliar recursos para a contação. Mais livros, fantoches, fantasias, pois tudo depende de adaptações e utilização de materiais diversos.

Tudo isso ampliaria o repertório de trabalho, porém saliento que os improvisos na questão de material também favorecem a interação do grupo que sempre se auxilia nas atividades de contação. Acredito que este espírito colaborativo também faz com que o projeto continue dando bons resultados.

Quanto aos pais, também percebo que há o contentamento, pois sinalizam que o projeto não deve acabar.

Carlos Rogério dos Santos Coca
Diretor da EMEI O Pequeno Polegar - Assis



Portal da Cidade de Campos do Jordão

Campos do Jordão

População estimada 2013	50.221
Porte	Pequeno II
IDHM*	0.749
IDF*	0.60
Mortalidade Infantil***	16.48
IDEB - Anos iniciais**	5.8
Meta	5.3
Matrícula escolar****	2.422
Número de escolas	24

“

Investir na Primeira Infância significa lutar pelo direito das crianças, para que possam ter a dignidade de um futuro melhor.”

Frederico Guidoni Scaranelo
Prefeito de Campos do Jordão

Eu me chamo Vanessa Perez de Carvalho Biagioni, atuo como coordenadora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Campos do Jordão e há 11 anos trabalho na Educação Infantil. Fui chamada para realizar um trabalho de formação continuada no ano de 2013, com a equipe do quadro de apoio: 95 recreacionistas, 147 berçaristas, 98 educadores da limpeza, 82 cozinheiras e merendeiras.

Com o apoio do poder municipal, reunimos os educadores de cada setor para estarem pelo menos uma vez por mês na Secretaria de Educação. Desde então, até hoje, esta prática dá certo por meio de um sistema de rodízio. Os cursos são oferecidos em horário de serviço e possuem a duração de 4 horas, no período da manhã, mais 4 horas, no período da tarde. Todos os participantes têm direito à certificação.

A Secretaria de Educação realiza anualmente o Encontro com o Prefeito, ocasião em que todos os educadores participam e a Secretária de Educação, Marta Esteves, destaca a importância da formação continuada no desenvolvimento de práticas educativas de qualidade.

Neste trabalho, procuro motivar os educadores a observarem suas práticas e a atuarem de forma reflexiva na aprendizagem das crianças de 4 meses a 5 anos. Acredito que compreender como a criança pequena se desenvolve nos possibilita criar uma rotina pedagógica significativa e baseada na realidade educativa.

Durante um dos cursos de formação, surgiu a idéia das educadoras da escola de educação infantil “Geraldo Padovan”, Tatiane Pereira

Alves Faria, Talita Marcondes Pereira, do setor da recreação, Simone Bento Pereira Guilherme, diretora e Luciana da Silva, coordenadora pedagógica, de aprimorar e aplicar com mais ênfase a importância dos alimentos na vida prática dos alunos e trabalhar, ao mesmo tempo, os sentidos e os movimentos.

O tema escolhido veio da preocupação de melhorar as práticas educativas, por meio de trocas de experiências, e estudo sobre assuntos que possam transformar as experiências dos alunos a partir de vivências concretas.

Faz parte da metodologia do curso discutir com os educadores como abordar os conteúdos, sugestões e reflexões referentes aos temas tratados. Em um desses momentos, o grupo foi à escola “Geraldo Padovan”, onde a equipe de recreacionistas trabalhava a “Arte da Culinária”.

Para que os alunos da educação infantil (turma da recreação) se familiarizassem com o projeto “A Culinária na Educação Infantil”, foram confeccionados uma touca e um avental para cada um. O uso dos utensílios e dos alimentos significou mais que uma aula de culinária, houve muita diversão com objetivos direcionados para contribuir com o desenvolvimento motor fino, concentração e paladar.

A recreação possui uma rotina com apoio pedagógico que estimula o desenvolvimento corporal, o raciocínio lógico, o brincar, a cultura, as cantigas de roda e a higiene, contribui com a autonomia da criança, desempenha um papel fundamental em seu dia-a-dia, uma vez que elas permanecem na instituição em período integral.



As educadoras se basearam em Piaget e Vygotsky, que defendem ideias construtivistas em que a interação entre sujeitos, objetos e outros sujeitos resultarão em aprendizagens significativas.

Elas selecionaram alunos do Infantil III (5 anos) e a receita escolhida inicialmente foi a gelatina (considerada sobremesa favorita) devido a facilidade de preparar, de experimentar e presenciar todos os processos (pó, líquido, sólido).

Como nós já sabíamos as etapas de preparo e as transformações advindas da gelatina, trabalhamos com as crianças as cores e o fenômeno da natureza, arco-íris. Fizemos uma deliciosa gelatina colorida que representou a descoberta da ciência, prazerosa e significativa.

Para a receita seguinte escolhemos o biscoito. Nessa vivência trabalhamos a coordenação motora fina e a textura. Foi muito divertido, pois neste dia conseguimos analisar o grau de dificuldade de cada criança. Não foram todos que conseguiram modelar o biscoito (a receita foi repetida duas vezes). Após algumas semanas, fizemos o brigadeiro para analisar com mais atenção e foco as dificuldades em relação à coordenação, em que observamos grande evolução, o que deixou o projeto ainda mais satisfatório.

Na terceira receita usamos um ingrediente bastante querido pelas crianças: a banana. Fizemos uma torta cujo objetivo foi trabalhar de forma dinâmica, em grupo, as medidas dos ingredientes para preparar a torta.

Utilizamos tampinhas de garrafas como medidor (7 colheres de açúcar + 7 farinha de trigo), contamos cada quantidade de ingrediente em grupo o que permitiu, também, trabalhar a operação soma da matemática.

Por último, a quarta receita dessa experiência foi inspirada no pé de amora que tem no parquinho da creche. As crianças pegaram as amoras do chão para comer, então combinamos que no período de duas semanas, pegariam amoras, e estas seriam higienizadas adequadamente e congeladas. Após reunir uma quantidade significativa de amoras, fizemos geléia para comer com pão e bolacha.

Nesta experiência trabalhamos um valioso movimento de pinça, muito importante para aquisição da coordenação motora fina, bastante explorada ao longo da vida, o contato com a natureza e o que ela pode nos proporcionar.

No início não havia touca nem avental, mas com o desenvolvimento das vivências, com o interesse e desempenho do grupo, aprimoramos o projeto e passamos a realizá-lo uma vez por semana, uma receita diferente a cada encontro. As receitas depois de prontas foram servidas para todos da creche.

A realização desse projeto das receitas culinárias contribuiu para chegarmos a um produto final satisfatório, todas as etapas foram produtivas, ouvimos e observamos a evolução dos alunos, pudemos experimentar as transformações dos alimentos e, com isso, os alunos abriram seus paladares para novos sabores, antes desconhecidos.



EMEI Gerardo Padovan - Campos do Jordão



EMEI Gerardo Padovan - Campos do Jordão



EMEI Gerardo Padovan - Campos do Jordão

Todas essas práticas são resultados do trabalho realizado na formação continuada oferecida pela rede de Campos.

Tivemos a oportunidade de debater sobre concepção de ensino de modo que os educadores iniciassem um processo de não apenas deter o conhecimento, mas aperfeiçoá-lo e praticá-lo com sabedoria e amor.

Cheguei à conclusão que trabalhar com este Projeto causou uma grande satisfação para todos, incluindo a preocupação de como cada educador poderia contribuir de modo que o momento da alimentação se tornasse mágico e prazeroso para os alunos. A colaboração dos funcionários da escola, do apoio da diretora, da coordenadora técnica e da coordenadora pedagógica foram determinantes para o sucesso desse projeto.

Os resultados positivos para a Secretaria de Educação advindos desses trabalhos me fizeram perceber que a Formação Continuada é primordial para o sucesso da qualidade da educação.

Vanessa P. de Carvalho Biagioni

Coordenadora pedagógica da Secretaria

Municipal de Educação de Campos do Jordão

“

Os cuidados com a primeira infância preparam as crianças para a vida. O bom desenvolvimento físico, psíquico e social do ser humano depende em grande parte dos cuidados dispensados nesta fase. Nutrição, estimulação adequada, acolhimento, compreensão e carinho são fundamentais. Quando estes cuidados faltam, são inadequados, ou insuficientes, as consequências podem ser decisivas e de longa duração determinando a saúde, a capacidade de aprender, de se relacionar e de regular emoções”.

Fred Guidoni, Prefeito de Campos do Jordão



Falando de leitura...

Meu nome é Armando Pincelli Junior. No ano de 2011, exercia a função de Coordenador Geral da Educação Infantil, hoje atuo como Coordenador Formador na Secretaria de Educação de Campos do Jordão.

Fui convidado a participar do Projeto “Entre na roda” que forma orientadores de leitura entre educadores, bibliotecários e voluntários da comunidade e deseja estimular o hábito pela leitura. Já tínhamos, na Secretaria, a preocupação de introduzir o prazer de ler, como parte integrante da rotina educativa, e este projeto veio reforçar a ideia.

Convidamos para participar a professora coordenadora pedagógica Vanessa Perez de Carvalho Biagioni, que atuaria na parte pedagógica da escola e envolveria todos os educadores no prazer de ler. A professora de educação infantil Claudia Simões, que trabalhava no Infantil I (alunos de três anos), desenvolveu o trabalho “O gosto pela leitura” na escola Obra Social Mercês, situada na Vila Albertina, e na escola Historiador Pedro Paulo, no bairro Santa Cruz.

Durante as atividades realizadas nas escolas, a Maria Alice Armelin, coordenadora do Projeto Entre na Roda do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC) junto com a formadora Cristina acompanharam as escolas, e nos ajudaram com materiais de apoio que permitiram explorar e levantar dicas, leituras e todas as estratégias que pudessem propagar o gosto pela leitura.

A proposta da Claudia envolvia a participação das cozinheiras, das merendeiras, dos educadores, das pessoas que fazem a limpeza, dos pais e dos alunos que participaram ativamente do processo da leitura.

No início da proposta, tivemos que observar como o trabalho com a leitura acontecia nas escolas. Em seguida, fomos introduzindo os subsídios e discussões da formação e começamos a atuar e valorizar os conhecimentos prévios. Dali para frente começamos um trabalho consciente e envolvente.

Percebi, por meio dos dados coletados no diagnóstico, que não havia o hábito da leitura entre os alunos e os pais, então, pensamos ações junto com a escola para reverter o quadro. O Entre na Roda apresentou um método que dizia que para se obter o prazer em ler é preciso ler, ter contato, usufruir os livros. Desse modo, pedi para a coordenadora pedagógica autorização para eu poder usar os seus HTPCs (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo) como espaço de formação. Com a ajuda da professora Claudia, sensibilizadora da proposta, iniciamos o projeto.

Conseguimos atingir 120 professores da rede que tiveram formações nos HTPCs e realizamos, na Secretaria Municipal de Educação, a exposição do projeto “Entre na Roda” para todas as escolas infantis de Campos do Jordão. A professora Claudia realizou um trabalho efetivo com seus alunos a partir das orientações do Entre na Roda (ENR) e conseguiu despertar o prazer em ler, introduzindo na sua rotina as rodas de leitura.



Escola Municipal de Educação Infantil - Campos do Jordão



Escola Municipal de Educação Infantil - Campos do Jordão



Escola Municipal de Educação Infantil - Campos do Jordão



A escola Obra Social Mercês implementou a proposta do “Entre na Roda”. O método foi trabalhado em momentos pedagógicos com toda equipe escolar; os pais também foram chamados a participarem de reuniões, conduzidas pela coordenadora pedagógica, que tinha como foco a importância de gostar de ler.

A professora fez reuniões de pais, comunicou a importância da leitura a todos, mesmo aqueles que não sabiam ler foram incentivados a participar. Claudia conta, ainda, que a primeira tentativa de empréstimo foi prazerosa e inusitada pelo fato de uma criança retornar com seu livro rasgado. Ela pensou o que faria para que aquilo não acontecesse mais, então, conversou individualmente com a mãe do aluno e percebeu que, para ela, a leitura não tinha importância alguma.



A Claudia não teve dúvidas que deveria fazer alguma coisa e com a ajuda de todos da escola proporcionou a esta mãe a possibilidade de ler por imagens e incentivar sua filha a dar valor ao livro. A partir daquele dia, os livros não voltaram mais amassados ou rasgados.

O Projeto contou com a seguinte frase motivacional “O Gosto pela Leitura”. Sabemos da importância e da necessidade da leitura e da escrita para formação de cidadãos. Para que essa necessidade se efetive, a criança precisa desde cedo ter contato com livros, revistas, jornais, etc.



O mais importante é gostar do que se faz e entender o que está sendo lido. A intenção deste trabalho foi proporcionar às crianças, desde a mais tenra idade, o contato com a leitura – despertando, desta forma, desde cedo o gosto e o prazer em ler.



Dentre as diferentes ações adotadas, uma vez por semana os alunos levavam um livro para casa e no dia seguinte a história era retomada em sala de aula e cada um contava sua história para o grupo expressando sua opinião e comentários sobre o que foi lido.

Elaboraram também, junto com os alunos, um livro para o Dia das Mães, em que todos tiveram a oportunidade de expor suas opiniões e gostaram muito de ter participado.

O Cantinho da Leitura foi criado com as seguintes frases: O livro está chorando por quê? Está sujo, machucado, rasgado? Quando ele está bem cuidado? O que devemos continuar fazendo? A história O Pote de Melado, de Mary França, foi exposta na parede da sala de aula, com as ilustrações em tamanho maior para que os alunos pudessem acompanhar a leitura, sendo a professora a leitora e em outro momento o aluno recontando.

As rodas de leitura foram incorporadas na rotina, aconteciam semanalmente e deram oportunidade aos alunos de conhecerem vários gêneros textuais como lendas, fábulas, poesias, poemas, histórias em quadrinhos e também textos informativos.

Para que todos da escola se envolvessem na onda da Claudia, pedi à coordenadora pedagógica para criar um espaço de leitura perto do refeitório. Assim, as cozinheiras, os educadores e os pais poderiam fazer empréstimo de livros e tornarem-se leitores.

Outra atividade significativa da escola foi levar os alunos à biblioteca infantil “Guilherme Monteiro Lobato”, no centro da cidade e à biblioteca da escola de Ensino Fundamental “Laurinda da Matta”.



Os alunos puderam se conscientizar da importância de ter um espaço adequado para leitura, viram que em uma biblioteca devemos fazer silêncio e ler em voz baixa, para não atrapalhar outras pessoas.

Na escola, a convite da coordenadora pedagógica, fomos acompanhar a tenda da leitura em que todos participaram. Este espaço foi criado de maneira diferente para poder passar aos alunos a idéia de ler livros no ambiente externo.

Orientei, também, que uma das salas fosse transformada em sala de biblioteca e multimídia e neste espaço foram criadas prateleiras de madeira bem próximas aos alunos para que estes tivesse mais facilidade de escolher os livros, organizados em ordem alfabética.

A contadora de histórias Elaine Cunha, por meio da Biblioteca itinerante da Secretaria Municipal de Educação, foi à escola para contar a história “Dolores Dolorida”. Ela se caracterizou de vovó Cotinha e proporcionou a leitura da história de forma lúdica e prazerosa. Nesse dia, a formadora Cristina do Cenpec acompanhou o trabalho.

No final do Projeto, os alunos ganharam um livro para ler e contar histórias também para outras pessoas e mostrarem o quão divertido é este hábito. A biblioteca da escola foi ampliada com um baú de livros recebido pelo “Entre na roda” e CENPEC, um acervo composto por diferentes títulos e gêneros. Avaliamos que o projeto foi realizado de maneira satisfatória, conforme planejado e alcançou muitos resultados positivos.

Os objetivos foram alcançados e as estratégias utilizadas foram suficientes para manter o interesse das crianças. Com temática abrangente, o projeto teve início em fevereiro e foi finalizado apenas em outubro de 2011.

Percebemos uma mudança significativa nos hábitos dos alunos, dos pais, dos funcionários e da comunidade onde a escola está inserida. O Projeto “Entre na Roda” foi significativo e o estendemos a todas as escolas de educação infantil. Verificamos que muitas dessas práticas foram incorporadas e, até hoje, despertar o hábito de ler compõe a proposta pedagógica das escolas.

Outra ação, contribuiu para esses resultados: o trabalho de observação e o acompanhamento realizado durante o ano inteiro. Particpei das rodas de leitura, vi o interesse da escolha dos livros para levar para casa, assisti o reconto do livro para sala de aula, observei o cuidado com o livro, percebi a participação dos pais na escola e em casa contando as histórias para os filhos e, nas reuniões realizadas na escola, ficou nítido o interesse dos alunos.

Ficou evidente que, desde que estimulado, o interesse dos alunos pela leitura cresce. E foi exatamente isso que fizemos naquele ano e que continuamos até hoje. Inserimos os livros em nossa rotina educativa e em toda a rede de Educação Infantil desde o berçário até o Infantil III, dentro de nossas rotinas educativas para a rede de Educação Infantil de Campos do Jordão.

Armando Pincelli Junior

Coordenador e Formador na Secretaria de
Educação de Campos do Jordão



Imprensa - Prefeitura de Franca

Prefeitura de Franca

Franca

“

“Estimular a criatividade do aluno e ampliar seus horizontes enriquecem o processo de ensino-aprendizagem.”

Alexandre Augusto Ferreira

Prefeito de Franca

População estimada 2013	336.734
Porte	Grande
IDHM*	0,780
IDF*	0,63
Mortalidade Infantil***	8,7
IDEB - Anos iniciais**	6,0
Meta	6,0
Matrícula escolar****	6.966
Número de escolas	81

Legenda: * 2010 ** 2011 *** 2012 **** 2013

Meu nome é Jaqueline Fernanda de Jesus Gomes Ajeje, sou professora na rede municipal de Franca atuando junto a um grupo de 3º ano na Escola Municipal de Educação Básica Professora Maria Brizabela Bruxellas Zinader, localizada na região norte da cidade.

Durante o ano letivo de 2013, nossa escola recebeu um rico acervo literário que foi disponibilizado em cada sala de aula, no Cantinho de Leitura.

Apaixonada pela riqueza dos livros, organizei o material de modo que as crianças tivessem pleno acesso à esse universo, o que me deixou bastante satisfeita, pois via a cada dia o interesse pela leitura e a satisfação estampada nos olhinhos a cada viagem proporcionada pelos livros.

Para minha alegria, num desses dias, após a leitura de um livro sobre a África, alguns alunos levantaram questionamentos sobre a cultura dos povos africanos, o que desencadeou nosso projeto: “Pequenas mãos, grandes corações”.

Dessa forma, fizemos uma pesquisa em todo o acervo para saber se havia outras obras que retratassem a vida desse povo.

Ficamos felizes ao descobrir outros livros que faziam referência ao assunto e que poderiam nos ajudar a descobrir mais sobre a história do povo africano.

Foi então que lancei a ideia de um intercâmbio: enviar cartas para crianças de uma escola de um país localizado no Continente Africano para descobrir mais detalhes sobre a cultura do seu povo. Iniciamos selecionando livros do acervo e visitando a biblioteca da escola para pesquisar mais material de apoio.

As crianças foram divididas em grupos para a leitura do material e deveriam expor o que descobriram nessa aventura. Em seguida, listamos e socializamos nossas curiosidades a respeito da cultura africana.

Após essa etapa, pesquisamos sobre o suporte “carta”, pois o nosso objetivo era escrever cartas para sanar nossa curiosidade. Daí a necessidade de conhecer a estrutura, bem como o gênero que envolve a sua produção.

Conseguimos, por meio de uma empresa brasileira, que presta serviço fora do país na área de Construção Civil, o contato de uma comunidade de um país chamado Guiné Equatorial. Essa empresa foi nossa grande parceira durante todo o trabalho.

Realizamos então, as primeiras produções de cartas a serem enviadas às crianças desse país ressaltando, nesse primeiro contato, as curiosidades que os alunos possuíam e falando um pouquinho da nossa realidade e de nossas vivências.



Primeiramente realizamos a escrita de uma carta coletiva em que trabalhamos revisão observando pontuação, ortografia, paragrafação, coesão, coerência e entendimento de ideias. Em seguida, as crianças foram estimuladas a escreverem suas primeiras cartas – posteriormente, revisadas individualmente.

Após a escrita das primeiras cartas, pesquisamos sobre o selo e o preenchimento do envelope para envio das mesmas. Nesse momento, a empresa parceira do projeto nos enviou um funcionário para uma palestra sobre a vida dessa comunidade guineana. Os pais foram convidados para esse momento, o que só enriqueceu nosso projeto. Após esse momento, as cartas foram enviadas juntamente com a foto da criança.

Enquanto aguardávamos as respostas de nossas cartas, realizamos várias atividades e pesquisa sobre o povo africano: levantamento histórico cultural em relação à cultura africana presente em nosso país; localização geográfica da Guiné Equatorial e de outros países citados nos livros do acervo; localização geográfica do Brasil e sua relação ao Continente Africano, nosso Estado e nosso Município; diversidade da fauna e da flora da Guiné fazendo comparações com o nosso país e elencando meios de preservação na busca pela sustentabilidade; a influência da cultura Africana em nossa vida: dança, música, vocabulário e alimentação.

O dia tão aguardado, finalmente chegou. Recebemos as cartas da Guiné e com a ajuda de uma tradutora realizamos a leitura de nossas curiosidades. Foi um momento muito emocionante. Resolvemos, então, escrever uma carta de agradecimento às contribuições ao nosso projeto.



Mais uma vez, realizamos a revisão textual e confeccionamos um pulseira de miçangas nas cores da bandeira do Brasil para enviar juntamente com as cartas para os novos amigos.

Esse projeto foi de grande impacto na minha sala de aula, dos quais destaco: o desenvolvimento da oralidade e o hábito de compartilhar conhecimento com os colegas; o hábito da leitura diária para deleite; o desenvolvimento dos conhecimentos sobre a escrita, estimulando a utilização de um repertório mais rico, tanto na fala, quanto na escrita; produção de texto com autonomia, tendo um olhar crítico sobre questões ortográficas; a utilização de dicionário como fonte de pesquisa; a observação de textos alheios de maneira crítica durante o momento da revisão, mas com respeito ao colega; a apropriação do manuseio de mapas e desenvolvimento da habilidade de se localizar no espaço; a oportunidade de conhecer outro país, sua cultura, seu povo, além da valorização de todos os povos e criação de laço de amizade; a leitura e escrita de diversos gêneros textuais como receitas, textos instrucionais, história em quadrinho, dentre outros; conhecimento e apreciação da fauna e da flora brasileira e de outros países, refletindo sobre a sustentabilidade; desenvolvimento do raciocínio lógico por meio da construção de situações problemas sobre os campos auditivos e multiplicativos; o estímulo à pesquisa e à participação dos pais.

Perceber os avanços dos alunos é gratificante, saber que os pais estão envolvidos faz nosso trabalho ser ainda mais prazeroso.

A partir do momento em que compartilhamos novos conhecimentos geramos motivação em nossas crianças. Além disso, saber o quanto um ato pode mudar a vida de várias pessoas é uma graça de Deus.

Como resposta a esse trabalho, fui convidada pela empresa parceira a conhecer os alunos e a professora da comunidade guineana, o que acontecerá em breve.

E no início do ano, tive a notícia que a empresa publicou um informativo que foi distribuído em 28 países como forma de divulgação do nosso trabalho.

Jaqueline Fernanda de J.G. Ajeje

Professora da Escola Municipal de Educação Básica Maria Brizabela Bruxellas Zinader - Franca





Regente Feijó

“

Respeitar a primeira infância significa transformar a escola num espaço lúdico de livre aprendizagem.”

Marco Antonio Pereira Rocha

Prefeito de Regente Feijó

População estimada 2013	19.468
Porte	Pequeno I
IDHM*	0.768
IDF*	0.64
Mortalidade Infantil***	17.62
IDEB - Anos iniciais**	5.7
Meta	5.8
Matrícula escolar****	845
Número de escolas	09

Legenda: * 2010 ** 2011 *** 2012 **** 2013

Meu nome é Fabiana Delanhese Machado. Sou gestora da Creche Municipal Domingos Alves Villela, localizada em Regente Feijó, no Distrito de Espigão, no Oeste Paulista. Atendendo 45 crianças de 0 a 3 anos e 11 meses, em período integral. Esta creche conta com seis professoras, três estagiárias e dois profissionais de apoio.

São três turmas: uma de Berçário, com três professoras; uma de Maternal I, com duas professoras e uma estagiária; além da turma de Maternal I, com uma professora e duas estagiárias. As professoras trabalham sete horas, as estagiárias seis horas e eu oito horas, diariamente.

Assim que recebi o pedido para escrever este relato, fiquei me perguntando: Será que sou capaz? Será que faço algo diferente? Alguém pode ter interesse pelos meus projetos de trabalho?

Refletindo sobre minha trajetória profissional, percebi que minhas experiências poderiam colaborar com outras pessoas que trabalham com crianças pequenas, especificamente em creche, onde existem possibilidades infinitas de aprendizagem e de dúvidas, que cercam esse universo infantil tão discutido nos dias atuais. Além disso, muitas vezes fui eu, no papel de gestora, quem aprendi com as crianças e com os adultos envolvidos nesta instituição.

Precisei me recordar do passado: no curso do magistério não sabia realmente se desejava atuar em educação. Muitas vezes achava que o magistério “não era para mim”. Ensinar as crianças a lerem e escreverem? Será?

Com essa dúvida e com a vida particular bem atrapalhada, iniciei minhas atividades de substituição (aulas eventuais) em uma sala de maternal, numa escola com todos os níveis de educação, Pré-escola e Maternal até o Ensino Fundamental (5º ano).

Durante aquele ano, comecei a me identificar com as crianças pequenas e percebi que meu trabalho poderia ser com este público. No ano seguinte, iniciei minhas atividades em um lugar diferente de tudo que havia imaginado, como proposta de vida e trabalho: em uma CRECHE.

Toda minha formação no magistério foi focada no Ensino Fundamental. Não tinha ideia de como era o funcionamento e a rotina de uma creche. Quando entrei na sala do Berçário, o desespero foi total! Chorei tanto, que a Diretora da creche achou que eu não voltaria nunca mais. Usei duas caixas de lenços que ela me ofereceu.

Mas como adoro desafios, no outro dia voltei. Fiquei, venci críticas e preconceitos enormes. Naquele ano, trabalhei com uma proposta diferenciada que foi oferecida pela Direção e Assessoria da Rede de Educação do município: os chamados cantos ou espaços que nós chamávamos de “cantinhos”. Foi assim que percebi que esta era minha área, “minha praia”. No entanto, esta proposta de trabalho não foi aceita pela Rede Municipal e infelizmente não concluímos as atividades naquele ano.



Mesmo assim, procurei me aperfeiçoar na área da Educação Infantil, especificamente nas creches, e hoje minha prática está voltada para a formação continuada dos professores, com foco nos espaços de aprendizagens significativas, utilizando esta proposta dentro da unidade que trabalho como Diretora.

Nosso trabalho é pautado nas necessidades e possibilidades das crianças. Proporcionamos atividades pedagógicas, recreativas, educativas, de atenção e cuidados específicos para a faixa etária.

Desenvolvemos a autonomia das crianças, as trocas afetivas entre adultos e crianças, mantendo um trabalho de relacionamento próximo com os pais, pois acreditamos na parceria “escola x família”.

No ano de 2013 ocorreram mudanças na Rede Municipal de Educação de Regente Feijó. Aquela mesma diretora que consolara meu choro no início de carreira profissional, veio a atuar como Assessora Pedagógica de Creche do município e propôs as mudanças nos espaços de maneira tranquila, com o objetivo de otimizar os ambientes de aprendizagem das crianças, dentro da instituição.

O processo aconteceu lentamente, com a adesão espontânea das professoras desta creche do município.

Tive o papel de sensibilizar, motivar e convencer as docentes, acreditando na proposta e procurando mostrar que tal modelo de trabalho poderia garantir maior autonomia à criança e agregaria valores e experiências à profissão.

Nesse formato, a professora tem a liberdade de trabalhar com grupos menores de crianças, atendendo as dificuldades individuais de cada aluno, observando atentamente cada criança, podendo, sempre que preciso, rever sua prática.

Tal mudança não foi fácil para a maioria das professoras, pois tiveram que mudar algo já enraizado por modelos tradicionais de trabalho. Porém, seria o momento de colocar em prática tudo que haviam aprendido nestes anos de estudos, formação e experiência.

Começamos aos poucos, introduzindo os espaços na instituição. As professoras visitaram outras creches do nosso município que já haviam se adequado, para entenderem como seria o processo de mudança.

A Assessoria Pedagógica ofereceu ajuda e disponibilizou materiais e recursos para o início da construção dos cantinhos. Nas HTPC (Hora de Trabalho Coletivo Pedagógico) conversamos, dividimos dúvidas, angústias, ideias de construção de espaços e confeccionamos materiais para serem utilizados na sala de aula, tendo como pano de fundo as expectativas de aprendizagem para crianças de 0 a 3 anos e onze meses, conforme o Guia Curricular Municipal e as orientações da Assessoria.

Além disso, esclarecemos nossa proposta pedagógica às famílias das crianças que atendemos e conseguimos grande apoio e parceria. Construímos juntos com os pais, oficinas de brinquedos recicláveis que foram utilizados na instituição e nos espaços dentro da sala de aula.

Para caracterizar os cantinhos e utilizar na rotina fizemos: cartaz de chamada; cartaz do tempo (condições climáticas); calendário; ajudante do dia; poesias; além de outros elementos que transformaram o ambiente da sala de aula em um ambiente alfabetizador por meio de imagens e signos próprios para a faixa etária.

Construímos os espaços com o mobiliário que tínhamos disponível na creche para delimitar claramente cada cantinho, fazendo as adaptações necessárias ou reciclando alguns materiais. Utilizamos prateleiras, caixas de papelão encapadas com tecido, tapetes, pneus, sombrinhas, tatames e outros materiais que ajudassem na delimitação do espaço.

A partir destes materiais, disponibilizamos os espaços para as crianças denominados por nós como: casinha de bonecas; lar doce lar; cantinho dos meninos; cantinho da leitura e cantinho da beleza, por exemplo.

Materiais como jogos de matemática e linguagem escrita, brinquedos, bonecas, carrinhos, tampinhas, almofadas, livros, espelhos, pelúcias, fantasias, jornais, revistas, gibis, massinhas (confeccionadas pelas crianças ou industrializadas), lápis de cor, giz de cera, tesouras, cartazes com os nomes das crianças, vogais e números, fantoches, motocas, brinquedos de parque também são utilizados. Todos os materiais dos cantinhos estão em lugares acessíveis para as crianças.

Elas têm autonomia para escolher com o que brincar e, após as brincadeiras, a organização do material é feita pelas próprias crianças.

A professora intervém nessa organização orientando a separação de bonecas e pelúcias que ficam juntos no Espaço da Casinha, porém em caixas separadas. Assim, a criança resolve um problema, trabalha uma expectativa e aprende um conteúdo proposto para o Maternal, como a classificação, organizando os objetos a serem guardados.

A importância dos cantinhos é que a sala de aula ofereça recursos visuais para as crianças. Todos os espaços são coloridos, organizados de maneira a favorecer as brincadeiras, com propostas de atividades lúdicas, criativas e desafiadoras.





Neles, as crianças podem: fazer atividades orientadas pela professora em pequenos grupos, brincar ou jogar sozinhas ou em pares, descansar quando necessário, exercitar atividades como: lavar a louça ou fazer a boneca dormir; construir prédios ou arrumar os carrinhos, etc.

O papel do professor consiste em observar, colaborar, orientar e mediar as atividades de forma a desenvolver a autonomia das crianças.

Organizando os conteúdos e as propostas de atividades que tratem dos diferentes aspectos da aprendizagem, os professores intervêm para que as crianças possam criar, investigar, explorar, manipular e descobrir por si mesmas as formas, os espaços, as propriedades, as utilidades das que as cercam.

Este trabalho é desenvolvido em toda a creche, desde o berçário, com crianças de 4 meses, até o Maternal II, com as crianças de 3 anos e 11 meses.

No início de 2014, retomamos nossa prática analisando os aspectos positivos e negativos das mudanças ocorridas dentro da instituição no ano anterior, revendo assim, nossas ações, construindo novos saberes, reorganizando espaços diferenciados para nossas crianças, refazendo materiais e refletindo sobre a nossa prática.

Hoje posso dizer que, apesar das dúvidas do início de carreira, escolhi o que gosto de fazer, com quem gosto de trabalhar e para quem quero cada vez mais aprender: as crianças da creche!

Fabiana Delanhese Machado

Gestora da Creche Municipal Domingos

Alves Villela em Regente Feijó

C

A

P

Í

T

U

L

O

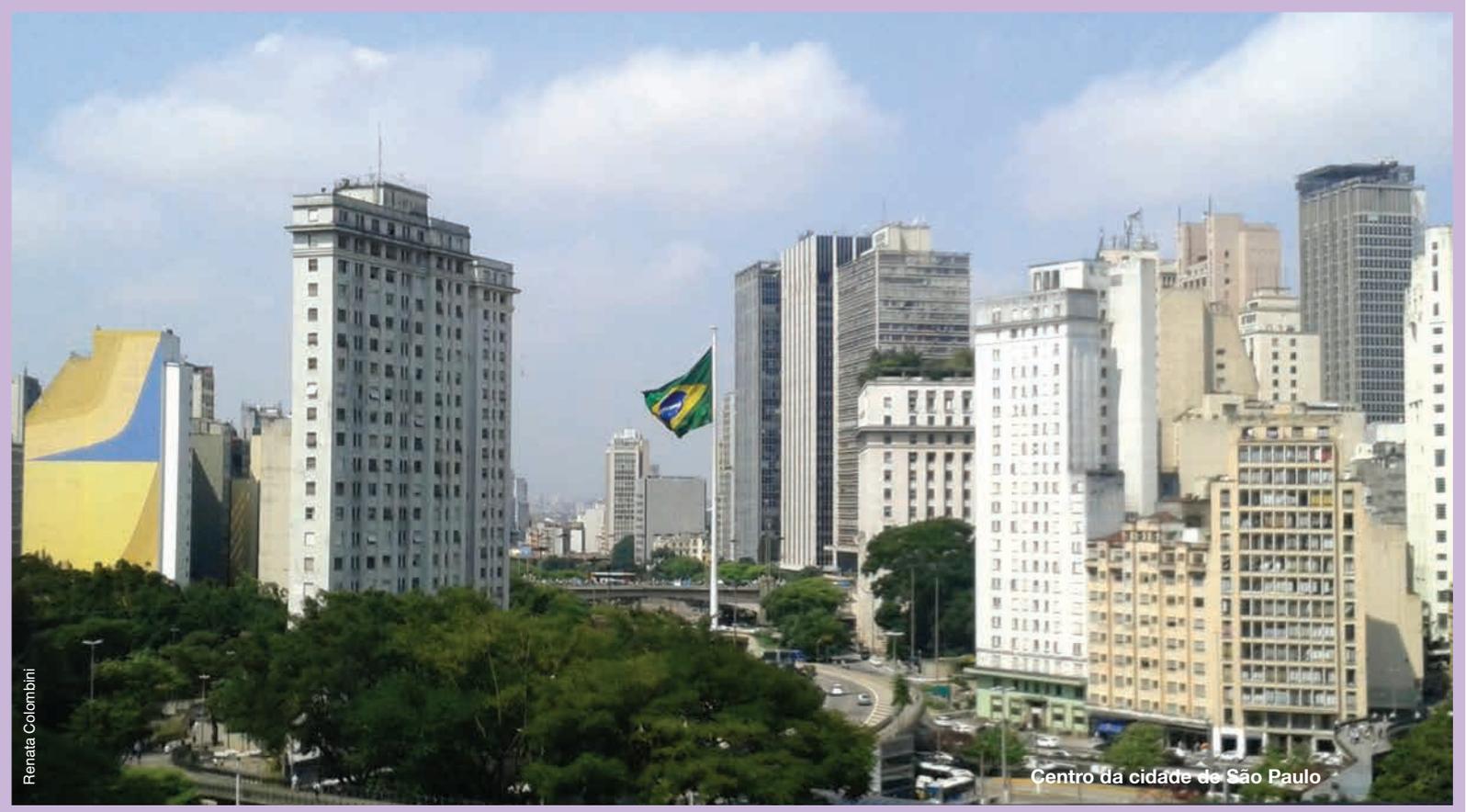
3



Participação da Família

Apresentando:

- São Paulo (Cidade)



Centro da cidade de São Paulo

São Paulo (Cidade)

“

“Investir na primeira infância garante uma sociedade mais justa e humana.”

Floriano Pesaro
Vereador de São Paulo

População estimada 2013	11.821.873
Porte	Metrópole
IDHM*	0.805
IDF*	0.62
Mortalidade Infantil***	11.32
IDEB - Anos iniciais**	5.1
Meta	5.1
Matrícula escolar****	248.853
Número de escolas	2.146

Legenda: * 2010 ** 2011 *** 2012 **** 2013

Meu nome é Sulamita Mattoso Meninel e sou mãe do Gabriel, um rapaz adulto nascido em 1985 com paralisia cerebral severa, tetraplégico e depende de ajuda para todas as atividades.

Gabriel não anda, não fala e não tem os pré-requisitos para uma alfabetização. Dentro de um determinado espaço de tempo, eu tinha uma expectativa de como seria sua vida se não conseguisse ser alfabetizado.

Com um ano de vida, Gabriel foi para uma clínica-escola especializada que no começo fazia as terapias necessárias para sua estimulação e posteriormente teve acesso a uma educação diferenciada onde a família era orientada a participar do desenvolvimento de seu potencial.

Com isso, descobri que não ter os requisitos para ser alfabetizado não significa que ele não tenha capacidade de aprender; apenas denota que sua educação deve ir por outros caminhos, por meio das artes e cultura, em oficinas de capacitação como pintura, música, cinema, teatro, etc..

Durante seus seis primeiros anos de vida, ainda não sabíamos quais eram as suas potencialidades. Não foi fácil avaliar sua capacidade cognitiva, pois para uma pessoa que não fala, com dificuldades motoras severas, muitas vezes atribuímos e projetamos o que desejamos e não o que é real.

Eu enxergava o Gabriel de um jeito e alguns profissionais que trabalhavam com ele enxergavam de outro, eles acreditavam que ele tinha o sistema cognitivo preservado, e eu não.

Foi muito angustiante porque eu queria acreditar no que aqueles profissionais falavam, porém, Gabriel me mostrava outra coisa.

Com alguns profissionais, Gabriel trabalhava no computador, lia, fazia redações e problemas de matemática. Em casa, as respostas às coisas mais básicas, tais como “Qual é o quadrado?” ou “Qual é o círculo?”, não eram consistentes. Colocava três letras para ele mostrar o G, inicial de seu nome, e ele mostrava o F.

Pedia para me mostrar o número 1 e ele mostrava o 3. Entretanto, ele conhece muitas coisas. Se você faz uma pergunta, ele responde sim com a cabeça ou não com a mão esquerda.

Conhece as pessoas e fica muito feliz ao receber visitas. Conhece os caminhos da escola, da casa da avó, das casas das irmãs e outros. Entende tudo. Escolhe as roupas que vai usar e a comida que quer comer. Adora passear. Gosta muito de assistir a TV e a filmes: quando vê uma comédia, dá risada; um filme triste, fica sério e cabisbaixo, e de suspense, fica nervoso. Se alguém, sem querer, faz alguma coisa ou algum comentário do qual ele não gosta, demonstra seu descontentamento ficando nervoso ou, se magoado, olha para a pessoa e chora.

Enfim, depois de quatro anos (dos seis anos aos dez anos) fazendo várias avaliações, ficou constatado que Gabriel não poderia ser alfabetizado. Oferecemos a ele todas as oportunidades para isso, mas independente de todos os ensaios, o cognitivo para ler, escrever, ser alfabetizado e educado de uma maneira convencional não era possível.



No começo, essa condição foi assustadora, além de não andar, falar, ainda não poderia ser alfabetizado! Que futuro teria? Depois de muito chorar, encarei esse obstáculo como um desafio e descobri que para todos os problemas existem alternativas. Eu poderia ter desistido do meu filho por sua condição adversa, porém, eu sempre acreditei que apesar de todas as suas dificuldades, existe um ser dentro daquele corpo que não responde aos seus comandos e que iria junto a ele achar um caminho que lhe trouxesse felicidade, crescimento, participação e interação.

Hoje, Gabriel frequenta um ateliê onde fazem sabonetes líquidos, cada um colabora dentro das suas possibilidades, desde derreter o sabonete até colocar a etiqueta no frasco, uma linha de produção. Os sabonetes são vendidos e custeiam a oficina, dando um pequeno lucro que é dividido.

Esse caminho da educação fez com que Gabriel construísse sua própria identidade. Desenvolveu sua autoestima e, mesmo com todas as suas limitações, se tornou um adulto feliz. O empenho de uma família participativa foi fundamental para o desenvolvimento de Gabriel, que junto a educadores sensíveis, reconheceram a sua necessidade de ser inserido de alguma maneira na sociedade.

Durante esses anos percebi que o papel do educador vai muito além da alfabetização; é formar pessoas e dar cidadania por meio da educação. O papel da família que tem uma pessoa com deficiência e conhece as suas necessidades, é investir em moldes diferentes de educação e quando não for possível, ir pelo caminho tradicional.

É muito limitado pensar num só molde de educação, toda pessoa com deficiência é um mundo e um desafio diferente. É certo que uma pessoa que não tem condições para ser alfabetizado não será um médico, um matemático, mas ela poderá ser: pintora, padeiro, marceneiro, cozinheiro, dançarino. Há uma infinidade de opções.

Educar é tirar o máximo de proveito de cada um, dando todas as condições necessárias, para que uma pessoa se torne um jovem e adulto independente, emocionalmente, psicologicamente e financeiramente.

Alguns não serão totalmente independentes, outros sim, porém, quando não for possível, só o fato de ouvir uma música, escutar uma história, assistir um filme junto a um grupo, está acontecendo aí uma inclusão e possivelmente um crescimento e amadurecimento interior que será visível no decorrer dos anos.

A oportunidade dada a uma pessoa mesmo que não tenha nenhum cognitivo, permitindo que participe de um grupo, de uma família, é inserí-la dentro de um contexto fazendo parte de uma história. É principalmente a família que fará com que isso ocorra, é dentro da família que começa a inclusão.

Felicidade está em ter prazer no que se faz e fazer bem feito, seja exercendo a medicina ou amassando a massa do pão. Querer atribuir coisas além do que a capacidade de cada um pode, é contribuir para a sua frustração e infelicidade. A inclusão por meio das artes e cultura é a possibilidade de ter um potencial a ser desenvolvido, para aqueles que não têm o cognitivo adequado para a alfabetização.

Apesar de Gabriel nunca ter frequentado uma escola regular, como mãe e pessoa interessada em todos os segmentos para o benefício da pessoa com deficiência, participo ativamente em projetos relativos à saúde, educação e a inclusão. Inserir uma criança deficiente numa escola ainda é um processo complexo.

É fato que a inclusão beneficiou várias pessoas com deficiências mais leves, ao menos no que tange a aceitação social e a compreensão das diferenças.

A família, os educadores e o poder público estão começando a visualizar uma inclusão, não só por decreto, mas com a união que trará as soluções. Juntos terão que fazer alguns ajustes para que as pessoas possam usufruir da inclusão, já que é lei e direito de todas serem incluídas.

Trabalhar com o diferente muitas vezes é amedrontador. Lidar com o diferente ainda é um desafio. Conhecer o diferente é perder o medo e ter a segurança para desenvolver um trabalho eficiente.

O que os professores precisam saber em relação às várias deficiências com as quais irão interagir? O que as famílias precisam garantir para que seus filhos tenham um bom aproveitamento e cuidados pertinentes a suas deficiências?

Muitos educadores, por falta de conhecimento da deficiência se sentem inseguro de ter em sua sala de aula uma criança que necessita de cuidados diferenciados. Acho que é compreensível e humano.

Afinal qualquer coisa que ocorra com aquela criança no horário escolar é da responsabilidade da escola e do educador.

Para a família não é só a recusa da matrícula que angustia, mas também, algumas condições adversas que estão ocorrendo com a inclusão e que deixam as famílias inseguras em permitir que seus filhos frequentem uma escola comum.

As questões têm diversas origens e naturezas, e impactam de forma prática no convívio escolar. Ressalto algumas delas:

1) a falta de conhecimento dos educadores e capacitação para cuidar da pessoa com deficiência;

2) o *bullying* e desrespeito por parte dos colegas;

3) a acessibilidade arquitetônica. Muitas escolas ainda não se prepararam para receber a criança com deficiência, uma das principais reclamações são as portas estreitas onde a cadeira de rodas não passa, banheiros sem adaptações para troca de fraldas, acompanhantes para o horário escolar, bem como acessibilidade a todas as áreas da escola;

4) falta de materiais assistivos;

5) cuidadores capacitados;

6) crianças e jovens sem o cognitivo para a alfabetização sendo incluídos sem critérios, só para se socializarem;

7) falta de transporte público adaptado.



Eu acredito que questões básicas devem ser encaradas para que a inclusão ocorra de forma plena e concreta.

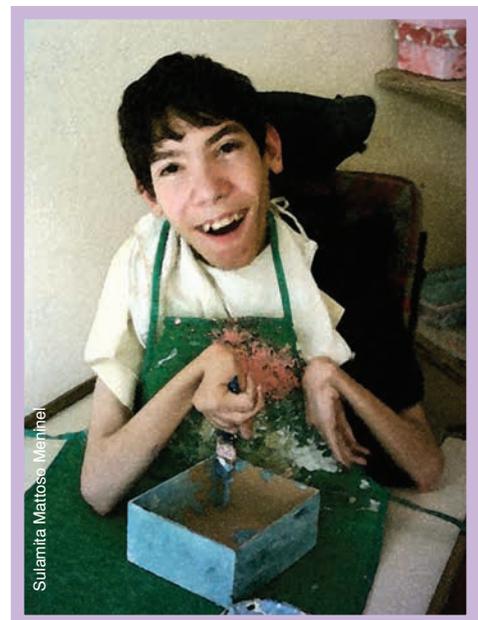
Ao passo que essas carências devem ser enfrentadas, há requisitos mínimos que devem ser construídos para que a inclusão ocorra de fato. Ressalto aqui alguns deles:

- 1) uma campanha nacional de formação, informação e sensibilização sobre as deficiências para os educadores, com cartilhas e palestras educativas;
- 2) buscar junto as empresas que dão assessoria pedagógica inclusiva orientação e suporte para os professores, sanando suas dúvidas e angústias perante às crianças com deficiências e em como incluí-las;
- 3) reconhecimento ao educador que se capacitar, por meio de benefício;
- 4) informação e sensibilização para os alunos da rede pública e particular com gibis educativos e palestras lúdicas sobre cada deficiência;

5) dar um prazo para que as escolas se tornem acessíveis na parte arquitetônica e para adquirirem os materiais assistivos necessários para cada deficiência. Estabelecimento de multa para não cumprimento do prazo;

6) quando solicitado, o cuidador deve comparecer em tempo imediato. Esse cuidador deve ser uma pessoa bem preparada e capacitada para atender todas as necessidades da pessoa com deficiência que estiver aos seus cuidados. É de responsabilidade do Estado para com a família que a criança tenha pessoas capacitadas para esse trabalho, que em alguns casos pode ser de sobrevivência, como nos quadros mais severos de lesão cerebral;

7) presença de uma equipe multidisciplinar (estagiários de fisioterapia, fonoaudiologia e terapia ocupacional) para orientar na postura, alimentação, uso de órteses, auxiliando o cuidador e educador que se sentirão mais seguros com a presença de um profissional que entenda da deficiência.



Além dessas questões básicas supracitadas, vale ressaltar que a inclusão como vem sendo pensada atualmente preza a convivência da pessoa com deficiência apenas com as pessoas dentro do padrão de normalidade. Um erro de abordagem perigoso. A construção da identidade da pessoa com deficiência também deve ser rica em modelos. Não só composta por aqueles com uma condição motora ou intelectual preservadas, como também por quem tem condição de privação igual ou diversa da delas.

Acredito que a inclusão funciona hoje para casos de deficiências mais leves. A criança com um bom cognitivo e compreensão razoável consegue ser inserida porque nesses casos o conteúdo pedagógico e a forma de ensinar ainda são eficazes. Porém, quando a escola é inclusiva para todas as deficiências, visuais, auditivas, físicas, intelectuais e múltiplas deficiências, a inclusão é mais complexa. É preciso investir em mais capacitação, materiais assistivos específicos para cada necessidade, conforme observação feita anteriormente.

Essa ação fará com que as crianças, adolescentes e jovens com deficiência não fiquem na escola apenas se socializando. Desta forma o ambiente escolar será, também, um espaço para o desenvolvimento de seu potencial, preparando para a vida adulta e o mundo do trabalho.

Estou ciente da impossibilidade de colocar todas essas ações em prática de forma rápida. No entanto já estamos começando com a participação de famílias, profissionais, e poder público a informar, formar e conscientizar a sociedade em geral sobre as deficiências e assim buscando uma inclusão efetiva.

Um exemplo disso é o trabalho que faz o vereador Floriano Pesaro, uma referência em São Paulo na inclusão. Realiza seminários, simpósios, palestras onde se discute a inclusão em todos os segmentos, propiciando o conhecimento do que é necessário para que essas pessoas sejam incluídas. Além disso, participa ativamente com as famílias, pois, leva informações por meio de livros, cartilhas, esclarecendo a população sobre as deficiências. Quando as possibilidades são apresentadas as aptidões aparecem.

Com o interesse do poder público, dos profissionais da área e da família, todos em torno da inclusão, em breve as escolas regulares estarão preparadas, trabalhando qualquer potencial, independente do tipo de deficiência e grau de severidade. Desta forma, todos terão acesso a conhecer e desenvolver o que lhe for possível. É um processo que está em gestação. Nada acontece da noite para o dia.

O importante é a construção de uma nova sociedade inclusiva, onde as diferenças não separam apenas acrescentam. Um mundo onde as oportunidades serão dadas a todos.

Cada um de nós poderá fazer a diferença nesse processo, que já está beneficiando muitos. Podemos buscar mais alternativas para favorecer a todos.

Sulamita Mattoso Meninel



Chá com as Cinco

Meu nome é Plínio Meirelles e trabalho, desde 2006, com famílias em situação de alta vulnerabilidade social – ocasião em que gerenciava uma unidade do Programa Ação Família, da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social de São Paulo.

Sempre me intrigou pensar em como potencializar e promover o desenvolvimento social e não apenas a assistência social. Tinha clareza sobre a complexidade dos desafios, mas sempre acreditei que a melhor maneira de encará-los é com criatividade, reinvenção e disposição em inovar os modelos de intervenção.

Nestes quase 10 anos em que trabalho com os dois pés fincados na comunidade, tenho apenas uma convicção plena e permanente: não existe fórmula universal para o desenvolvimento e integração social. O modus operandi é, afinal, redefinir sempre.

Neste objetivo de “re” (redefinir, repensar, reavaliar), conheci Tiago Pontes, um Orientador Sócio Educativo extremamente habilidoso em estabelecer bons vínculos com as famílias atendidas pela Assistência Social. E dele veio a ideia do “Chá com as Cinco”.

O projeto “Chá com as cinco” tem como meta realizar pequenas reuniões nas casas das famílias das comunidades de Vila Clara, Americanópolis e Jardim Lourdes – todas no distrito do Jabaquara.





Nesses encontros nosso intuito é debater temas de interesse da comunidade, de uma maneira mais simples; fugindo do modelo tradicional de reunião socioeducativa, haja vista que nossa experiência prática com moradores destas comunidades demonstra que, intervenções com um viés menos metodológico e que propicie o estabelecimento de relações mais humanizadas, são mais efetivas.

Os encontros acontecem toda semana. Inicialmente realizamos um convite para que uma família receba o “Chá com as cinco”, tornando-se a família anfitriã. Para tal, utilizamos um cartão devidamente envelopado com o convite por escrito. Posteriormente, convidamos mais quatro famílias próximas à família que receberá o encontro, totalizando, então, o número de cinco famílias – estas famílias também recebem o cartão-convite.



Durante os encontros, uma gravação de áudio com o depoimento de uma usuária do serviço (depoimento fictício), é apresentado às famílias, contando sobre sua trajetória de vida. Trajetória esta que terá como um dos tópicos o Serviço de Assistência Social à Família (SASF).

Após este primeiro momento, serão debatidos os seguintes temas: O que é o SASF?; Programas de Transferência de Renda; Condicionalidades (dos programas de transferência de renda) e Protagonismo social. Durante os encontros, também são oferecidos chá e biscoitos, visando tornar a conversa o menos formal possível, sendo este o principal objetivo do projeto.

Ao chegar à casa da família anfitriã, organizamos os banquinhos em forma de círculo, para que as pessoas possam ficar em uma posição em que todos possam se ver.



Em seguida, ligamos o aparelho de som na tomada. Posteriormente, servimos o chá, o café e os biscoitos, descontraindo o ambiente e tornando-o o menos formal possível e apresentamos o depoimento fictício. Por fim, abrimos para o debate.

O projeto se inicia com um objetivo bem definido: trabalhar questões surgidas na comunidade de maneira simples. Por mais que pareça simplória, tal tarefa não é fácil. Ora, uma vez que os assuntos abordados já eram de conhecimento das famílias, o que se fazia necessário neste momento era uma maneira diferenciada de falar sobre tais temas. Assim surge o “Chá com as cinco”, que seria esta ferramenta.

Durante os encontros, observamos que as famílias, de imediato, se mostram bastante receptivas. Quase todas elas se preparam com alguns dias de antecedência para o evento a que foram convidadas. Limpam suas casas, organizam suas agendas, preparam uma comida diferente e, principalmente, cuidam da aparência. Fica bastante evidente como esta “visita” muda a rotina destas famílias que até então estão acostumadas a irem até às reuniões.

Em um desses encontros, Maria, representante de uma das famílias, nos disse, ao começarmos a nossa conversa, que depois de cinco anos, finalmente o serviço havia entrado na favela. Tal fala evidencia a importância de um serviço socioassistencial visitar as casas das famílias com um objetivo diferente da visita tradicional, que muito mais parecia uma fiscalização.

Na maioria das vezes, os encontros são permeados por um ambiente leve e descontraído. Ao iniciarmos com o áudio do depoimento da usuária, todos ficam bastante atentos.

Em seguida, quando começamos a conversa, pouco precisa ser dito para que as famílias comecem a falar sobre o assunto, uma vez que a identificação é imediata. Temas como desemprego, maternidade precoce e benefícios já são o estopim necessário para que haja, de imediato, a identificação necessária para que estes se comparem à situação fictícia.

Muitas mães se comparam com a história, afirmando que passaram muitas necessidades.

Em uma dessas situações, Joana nos disse que veio de São Paulo muito jovem e que a mudança mexeu muito com ela, pois teve que batalhar por um espaço na capital paulista. Sem marido e ajuda de parentes, foi morar em um barraco, em condições ilegais e sem estrutura para cuidar dos filhos, ainda pequenos.

Em outro encontro, outra participante, Flavia, também nos disse suas dificuldades. Acrescentou que passou fome, mas que contou com o apoio de parentes que a auxiliaram nesta jornada complicada.

Não são só os depoimentos tristes que marcam o “Chá com as cinco”. Tivemos relatos positivos também. Em um dos encontros, Mariana nos contou o que melhorou em vida com a entrada do SASF em seu cotidiano. Percebeu muitos de seus direitos sendo utilizados e ainda faz uso deles.

Durante este tipo de discussão, que envolve apropriação de direitos, evidenciamos para eles, os familiares, que o serviço, os programas de transferência, as visitas, todas essas ferramentas são mecanismos utilizados para um único fim: o protagonismo social dos usuários.

Uma vez que se tem a consciência que todos estes aparatos são meios, as famílias saem dos encontros com uma nova perspectiva: a de que devem lutar para serem indivíduos autônomos, que não necessitem, em um futuro próximo de auxílios socioassistenciais, pois alcançarão a autonomia social.

Lembro-me de um desdobramento muito interessante, relacionado à Luciana, anfitriã de uma família que nos recebeu. Ficou evidente, durante a realização do Chá, que ela havia gostado – e muito.

Anteriormente, Luciana mostrava-se sempre muito acanhada nos grupos promovidos pelo serviço, mas ali, no beco, na porta de sua casa, ela sentia-se muito à vontade para discutir, pensar, perguntar e argumentar. Luciana, enfim, estava pertencendo ao grupo.

Muito tempo depois, fomos surpreendidos: Luciana estava realizando sozinha, outros “Chás com as cinco” em sua residência. Ela mesma, com sua própria iniciativa, estava agendando e convidando suas vizinhas para um chá da tarde semanal, com o objetivo de discutir uma ação de prevenção ao alagamento do córrego às margens de seu barraco.

O grupo já havia se encontrado outras seis vezes e já havia acionado outros vizinhos para iniciar uma ação de contenção do córrego, incentivando a limpeza e conversando nos equipamentos públicos ao redor.

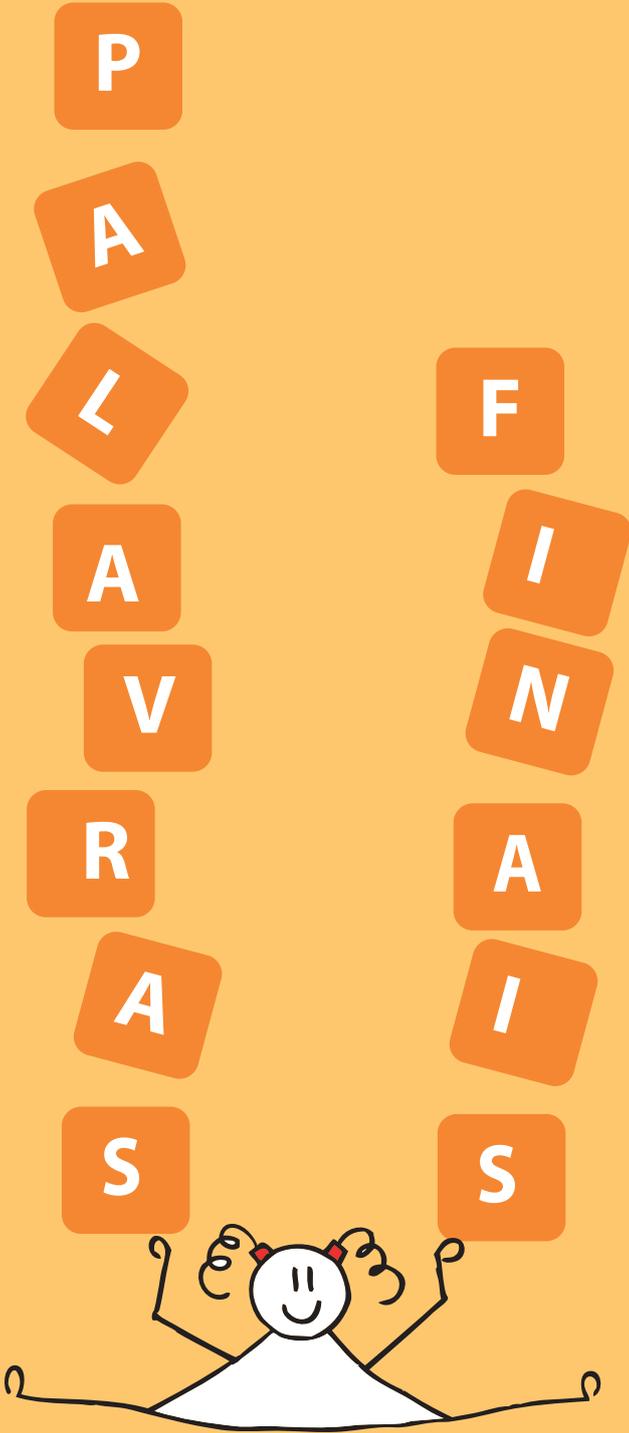
Sozinha, Luciana entrou em contato com uma empresa de concreto e conseguiu “Corpos de prova” (material de concreto bruto realizado e descartado pelas concreteiras) para ajudar na proposta de contenção.

Nossa experiência com o “Chá com as cinco” é bastante positiva, posto que todas as reuniões são edificadoras no que diz respeito ao que se pretende passar. As famílias, em sua esmagadora maioria, saem com uma nova postura destes debates.

Passam a crer que não são apenas vítimas de um sistema que privilegia os que têm um maior poder aquisitivo, mas, sim, responsáveis pela mudança que desejam vislumbrar.

Outro aspecto que é notado ao fim destes encontros é que as famílias se sentem mais bem informadas em relação aos seus direitos. São muitos os depoimentos de pessoas que dizem que finalmente entenderam o objetivo de programas como Bolsa Família e Renda Mínima.

Acreditamos que esta ação seja uma ferramenta inovadora no que tange às mudanças realmente significativas no âmbito social, haja vista que trabalha com informação centrada no indivíduo, buscando levar a ele uma nova maneira de enxergar sua realidade, por meio do confronto de ideias: antigas e novas.



As histórias aqui apresentadas trazem esperança, força e ânimo para seguir em frente na tentativa de garantir uma educação pública de qualidade. Nas últimas décadas avançamos em relação à educação no Brasil, mas ainda temos um longo caminho a percorrer.

Particularmente no Estado de São Paulo, nós, da Fundação Seade, temos acompanhado a série histórica de índices do chamado “Objetivos do milênio”, dentre os quais o indicador que mede a universalização do ensino infantil ocupa destaque.

Em nosso estado garantimos que 97% das crianças frequentem o ensino fundamental; e a alfabetização alcançou 99,4% das pessoas entre 15 e 24 anos. Os números são exitosos e precisam ser transpostos para o universo do atendimento integral e integrado da primeira infância.

Incluir esta pauta na agenda governamental e social é dar um passo gigantesco não apenas na garantia dos direitos da criança em sua mais tenra idade, como, também, no estabelecimento de um novo paradigma de desenvolvimento para o país: onde uma sociedade mais igualitária composta por cidadãos emancipados e capazes de transformar o mundo deixa de ser utópica e passa a ser alcançada com ações pragmáticas e cotidianas.

Creio que o primeiro volume da coleção Pontes para o Futuro cumpriu o seu papel, ao disseminar uma série de experiências bem sucedidas e possíveis de serem implantadas nos micros e macros territórios.

Conseguiram compilar experiências das mais diversas naturezas e intimamente ligadas ao processo da aquisição/apropriação do conhecimento como forma de emancipação e avanços pedagógicos para as crianças de hoje – adultos de amanhã.

Reuniram novos olhares para a questão da educação, interação e protagonismo da primeira infância nos processos pedagógicos e sociais. Entendo que alcançaremos o desenvolvimento social por meio de projetos apoiados em instituições de massa, expandindo o uso e a familiaridade das pessoas com livros, jornais, revistas e computadores.

Um aspecto bastante forte que a compilação desses relatos evidenciou diz respeito à parceria do poder público com a iniciativa privada na elaboração e implementação de políticas e projetos nas cidades. Em praticamente todos os relatos, vi a presença de uma Fundação Empresarial ou ONG, reafirmando que o sucesso social está intrinsecamente ligado à união de esforços e trabalho em rede.

Gostaria de parabenizar a publicação na figura de seu organizador Floriano Pesaro, e as cidades que divulgaram seus processos de transformação a fim de que paixão pela primeira infância se torne uma paixão nacional de todo cidadão brasileiro, afinal as crianças são prioridade absoluta e dever de todos nós.

Maria Helena Guimarães de Castro

Diretora Executiva da Fundação Seade
e Ex-Secretária Estadual da Educação

Legenda porte de municípios

0 A 5MIL = p0	Pequeno
de 5001 a 20000 = p1	Pequeno I
de 20001 a 50000=p2	Pequeno II
50001 a 100000=m	Médio
100001 a 900000=g	Grande

Índice de Desenvolvimento Familiar - IDF

O IDF pode variar entre 0 (para aquelas famílias na pior situação possível) e 1 (para as famílias na melhor situação possível). As seis dimensões das condições de vida, avaliadas a partir das informações reunidas na PNAD e sintetizadas no IDF, são: a) ausência de vulnerabilidade; b) acesso ao conhecimento; c) acesso ao trabalho; d) disponibilidade de recursos; e) desenvolvimento infantil; e f) condições habitacionais. Dessa forma, todas as dimensões mais básicas das condições de vida, com exceção das condições de saúde, puderam ser incluídas.

Índice de Desenvolvimento da Educação - IDEB

Índice da Educação Básica - criado pelo Ministério da Educação (MEC), busca representar a qualidade da educação em uma rede de ensino ou escola, através de um número que varia de 0 a 10, sendo 6 a referência para uma escola ou rede com qualidade adequada. O valor do Ideb é obtido pela multiplicação do indicador de rendimento (fluxo) E pela nota média padronizada (proficiência)”
(Fonte: <http://ideb.meritt.com.br>).

Índice de Desenvolvimento humano - IDHM

IDHM brasileiro segue as mesmas três dimensões do IDH Global – longevidade, educação e renda, mas vai além: adequa a metodologia global ao contexto brasileiro e à disponibilidade de indicadores nacionais. Embora meçam os mesmos fenômenos, os indicadores levados em conta no IDHM são mais adequados para avaliar o desenvolvimento dos municípios brasileiros.

Índice de desenvolvimento humano municipal - IDHM

Parâmetro	Valores
Muito Alto	0,800 - 1,000
Alto	0,700 - 0,799
Médio	0,600 - 0,699
Baixo	0,500 - 0,599
Muito Baixo	0,000 - 0,499

Fontes de Dados :

- População estimada e porte - IBGE
- IDEB - <http://www.qedu.org.br/>
- IDF - <http://www.mds.gov.br/>
- Mortalidade infantil - SEADE
- Matrícula escolar - <http://www.inep.gov.br>
- Número de Escolas - Secretaria de Educação de cada Cidade

B**I****B****L****I****O****G****R****A****F****I****A**

ABRUCIO, Fernando Luiz e RAMOS, Mozart Neves (org.). Regime de colaboração e associativismo territorial: arranjos de desenvolvimento da educação – São Paulo: Fundação Santillana, 2012.

CRUZ, Livia Galvani de Barros. Educação e arquiteturas territoriais: possibilidades e limites para melhoria das condições de ensino e aprendizagem da educação pública municipal brasileira/ Livia Galvani de Barros Cruz – 2014. 248f. Tese de Mestrado/FGV.

LACZYNSKI, Patrícia; TEIXEIRA, Marco Antônio Carvalho. Os limites de um consórcio intermunicipal em condições assimétricas de poder: o caso do CINPRA no Maranhão. IN: Cadernos Adenauer XII (2011), nº 4. Municípios e Estados: experiências com arranjos cooperativos. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2012.

MALUF, Angela Cristina Munhoz. Atividades Lúdicas para Educação Infantil: conceitos, orientações e práticas. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MEC/ SEB/SEED. 2007 CIME BRANCA DE NEVE. Projeto Político-Pedagógico. 2.012. CIME BRANCA DE NEVE. Projeto Político-Pedagógico. 2013.

PARECER CNE/CEB Nº 9/2011, que trata da análise de proposta de fortalecimento e implementação do regime de colaboração mediante Arranjos de Desenvolvimento da Educação.

PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Estado lança programa voltado ao desenvolvimento de crianças de 0 a 3 anos. Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=230564&c=6>. Acesso em: 28 de mai. 2014.

PORTARIA Nº 1.238, de 11 de outubro de 2012, que constitui Grupo de Trabalho para elaborar estudos sobre a implementação de regime de colaboração mediante Arranjos de Desenvolvimento da Educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS BRASIL. Pró-letramento: Programa de Formação Continuada de Professores da Educação Básica: Alfabetização e Linguagem.

RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 1/, de 23 de janeiro 2012, que dispõe sobre a implementação do regime de colaboração mediante Arranjo de Desenvolvimento da Educação (ADE), como instrumento de gestão pública para a melhoria da qualidade social da educação.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores em creche. Petrópolis: Vozes, 1999.

VILLARDI, Raquel. Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed. 1999.

YOUNG, M. E. (Org.). Desenvolvimento da primeira infância: da avaliação à ação: uma prioridade para o crescimento e a equidade/tradução Magda Lopes. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2010.

YOUNG, Mary Eming. Do desenvolvimento da primeira infância ao desenvolvimento humano: investindo no futuro de nossas crianças. In: YOUNG, Mary Eming (org.); tradução Magda Lopes. -- São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2010.

A

G

R

A

D

E

C

I

M

E

N

T

O

S

Bel Andrade Lima

Maria Helena Guimarães de Castro - Diretora Executiva da Fundação SEADE

(Sistema Estadual de Análise de Dados) - São Paulo

Mônica Freire Rodrigues - Supervisora de Formação da S.M.E de Campos do Jordão

Plínio Meireles - SMADS (Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social) - São Paulo

Sulamita Mattoso Meninel

CIME (Centro Integrado Municipal de Educação) - Amparo

Creche Municipal Domingos Alves Villela - Regente Feijó

Escola de Educação Infantil "O Pequeno Polegar" - Assis

Escola de Educação Infantil "Obra Social Mercês" - Campos do Jordão

Escola Municipal de Educação Infantil "Geraldo Padovan"- Campos do Jordão

Secretaria de Estado da Saúde- SES - São Paulo - Sandra Regina de Souza

Secretaria Municipal da Educação de Botucatu - Alessandra Lucchesi de Oliveira

Secretaria Municipal da Educação de Votuporanga - Sílvia Cristina Rodolfo

Secretaria Municipal de Educação de Amparo - Magda Tereza Belix

Secretaria Municipal de Educação de Assis - Maria Amélia Artigas dos Santos

Secretaria Municipal de Educação de Campos do Jordão - Marta Maria Esteves

Secretaria Municipal de Educação de Catanduva - Vera Lucia Massoni Xavier da Silva

Secretaria Municipal de Educação de Ferraz de Vasconcelos - Denize Ribeiro

Secretaria Municipal de Educação de Franca - Fabiana Granado Garcia Sampaio

Secretaria Municipal de Educação de Regente Feijó - Denise Di Giovanni Lamberti

*"Se São Paulo não for para todos,
não será para ninguém".*

Floriane Desara



